UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE – UFCSPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATOLOGIA

Francine Luciano Rahmeier

EFEITO DA TAURINA E DO AMBIENTE ENRIQUECIDO SOBRE O COMPORTAMENTO, A MEMÓRIA E O HIPOCAMPO DE RATOS ADULTOS, DIABÉTICOS E NÃO DIABÉTICOS

Porto Alegre
2016

Francine Luciano Rahmeier

EFEITO DA TAURINA E DO AMBIENTE ENRIQUECIDO SOBRE O COMPORTAMENTO, A MEMÓRIA E O HIPOCAMPO DE RATOS ADULTOS, DIABÉTICOS E NÃO DIABÉTICOS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Patologia da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profª Dra. Marilda da Cruz Fernandes

Porto Alegre
2016

Catalogação na Publicação

Rahmeier, Francine Luciano
Efeito da taurina e do ambiente enriquecido sobre o comportamento, a memória e o hipocampo de ratos adultos, diabéticos e não diabéticos / Francine Luciano Rahmeier. -- 2016.
89 p. : il., graf. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Patologia, 2016.

Orientador(a): Profª. Dra. Marilda da Cruz Fernandes.

1. Taurina. 2. Ambiente enriquecido. 3. Diabetes. 4. Memória. 5. Hipocampo. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dedico este trabalho à minha mãe,

Mary, meu padrasto, Pedro e meus

irmãos, Douglas e Gustavo.

Obrigada por tudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, por nunca me abandonar, e por me dar forças, mesmo quando a vontade era de desistir.

À minha mãe, **Mary**, por abdicar da minha presença no momento mais difícil de sua vida, para que eu fosse atrás de mais este sonho. Por todo o apoio, e por ser a pessoa mais importante deste mundo. A meu padrasto, **Pedro**, e meus irmãos, **Douglas** e **Gustavo**, por serem tão maravilhosos.

Às avós, **Anna Rosa** e **Maria**, e ao avô **Willi**, por todas as preces, e ao restante dos familiares, pelo incentivo.

À minha orientadora, **Profª Dra. Marilda da Cruz Fernandes**, por todos os ensinamentos, pela confiança, pelas lições de vida, e por me dar a oportunidade de realizar este trabalho e poder compartilhar de todo seu conhecimento.

À amiga, parceira e irmã de coração, **Lisiane Zavalhia**, por me incentivar, me dar um trabalho, uma casa, uma cachorrinha e por ser um dos pilares para a realização deste trabalho.

À todas as **amigas e amigos** da minha cidade natal, Palmeira das Missões, por entenderem minha ausência, e me mandarem sempre boas vibrações. Cada um, a sua maneira, é especial.

As técnicas do Laboratório de Pesquisa em Patologia da UFCSPA, **Keli, Rosalva e Teresinha**, pelo auxílio na realização de todo este trabalho e por terem me ensinado tanto, da vida e da ciência, da maneira mais doce possível, e por se melhores companhias de todos os dias.

Aos colegas do Programa de Pós-graduação em Patologia, **Graziele, Alana, Jeferson, Helen, Vanessa, Marília, Melissa, Elias, Alexandre, Ana Paula**, **Natiana e**

Nathália por todos os momentos, em especial à **Maiquidieli**, por ter sido minha companheira e amiga desde o início. Também, à todas as pessoas do laboratório, em especial à **Giovana e Taiana**.

À bolsista de iniciação científica, **Aryadne Cardoso Machado**, por ter sido meu braço direito, e estar comigo em todas as etapas deste trabalho. Por ser solícita, companheira, competente, responsável e bem-humorada! Também, as alunas **Bárbara Abreu, Julia Peixoto e Karina**, que me auxiliaram em alguns experimentos.

À **Fernanda Huf, Luiza Paul Géa, Francele Valente Piazza e Greice Caletti**, por sempre me ajudarem, em todos os momentos.

À **Kamilla Torquatto, Giovani Gatto, Mailton Vasconcelos, Juliana Jaboinski e ao Prof Dr. Alcyr Oliveira Jr**., pelos ensinamentos sobre comportamento animal, e por terem se tornado amigos de vida! Também, à **Carlos Eduardo Schnorr** e **Lucas Tortorelli**, por toda a atenção e esclarecimentos, que sem dúvida, foram muito importantes.

Às técnicas do Biotério de Experimentação da UFCSPA, **Inês e Joana**, pela companhia diária e por sempre estarem dispostas a me ajudar.

Aos **funcionários** do Laboratório de Patologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, por terem me recebido e permitirem o uso do microscópio de captura.

À secretária do PPG, **Maristela Pasin**, e a todos os professores da UFCSPA, que contribuíram para todo o conhecido que hoje levo na minha bagagem.

À **todas** aquelas pessoas que em algum momento estiveram presente, e torcendo para que tudo desse certo!

Muito obrigada!

Ítaca

"Quando você partir, em direção a Ítaca,
que sua jornada seja longa,
repleta de aventuras, plena de conhecimento.
Não tema Laestrigones e Ciclopes, nem o furioso Poseidon;
você não irá encontrá-los durante o caminho, se o pensamento estiver elevado,
se a emoção jamais abandonar seu corpo e seu espírito.
Laestrigones e Ciclopes, e o furioso Poseidon
não estarão em seu caminho se você não carregá-los em sua alma,
se sua alma não os colocar diante de seus passos.
Espero que sua estrada seja longa.
Que sejam muitas as manhãs de verão,
que o prazer de ver os primeiros portos traga uma alegria nunca vista.
Procure visitar os empórios da Fenícia,
recolha o que há de melhor.
Vá às cidades do Egito,
aprenda com um povo que tem tanto a ensinar.
Não perca Ítaca de vista, pois chegar lá é o seu destino.
Mas não apresse os seus passos;
é melhor que a jornada demore muitos anos
e seu barco só ancore na ilha quando você já estiver enriquecido
com o que conheceu no caminho.
Não espere que Ítaca lhe dê mais riquezas.
Ítaca já lhe deu uma bela viagem;
sem Ítaca, você jamais teria partido.
Ela já lhe deu tudo, e nada mais pode lhe dar.
Se, no final, você achar que Ítaca é pobre,
não pense que ela o enganou.
Porque você tornou-se um sábio, viveu uma vida intensa,
e este é o significado de Ítaca".

KONSTANTINOS KAVÁFIS

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS

AE: Ambiente enriquecido

Apaf-1: Fator de ativação da apoptose 1

ATP: Adenosina tri-fosafato

BrdU: 5- bromo-2'-deoxiuridina

CA: Corno de Ammon

DM: Diabetes *mellitus*

DM1: Diabetes *mellitus* tipo 1

DM2: Diabetes *mellitus* tipo 2

EA: Enriquecimento ambiental

EI: Esquiva inibitória

EROs: Espécies reativas de oxigênio

GABA: Ácido gama-aminobutírico

GD: Giro denteado

GFAP: Proteína glial fibrilar ácida

IH: Imuno-histoquímica

LTP: Potenciais de longa duração

NCAM: Molécula de adesão celular neural

NeuN: Antígeno neuronal nuclear

RO: Reconhecimento de objetos

SN: Sistema nervoso

SNC: Sistema nervoso central

SNP: Sistema nervoso periférico

STZ: Etreptozotocina

LISTA DE FIGURAS

RESUMO

Introdução: O diabetes *mellitus* tem sido estudado nos últimos anos como um grande causador de danos neurodegenerativos, déficits de memória e cognitivos. A taurina e o ambiente enriquecido (AE) vêm se destacando por apresentarem efeitos neuroprotetores e estimulantes, que merecem estudos mais aprofundados. **Objetivos:** Nesse trabalho, objetivamos estudar a influência da taurina e do AE sobre o giro denteado do hipocampo de animais diabéticos e não diabéticos, especificamente sobre as células da glia e apoptose celular, além de avaliar o impacto desses fatores sobre o comportamento e memória desses animais. **Materiais de Métodos:** Para o experimento foram utilizados inicialmente 88 animais, divididos em dois grupos de 44 cada: um destes, submetido ao AE e outro à caixa de moradia padrão. Dentro de cada grupo, aproximadamente metade dos animais foram induzidos ao diabetes *mellitus* tipo 1, onde alguns desses foram tratados durante 30 dias, com taurina. Durante o experimento, foram avaliadas memórias de curta e longa duração. No 30º dia de tratamento, os animais foram eutanasiados por perfusão transcardíaca e retirados seus cérebros, que após processados e seccionados, foram submetidos a técnicas de imuno-histoquímica para GFAP e caspase-3 clivada. **Resultados:** Observamos que animais tratados com taurina apresentaram melhores desempenhos em tarefas comportamentais e de memória, e que o AE também demonstrou ter efeitos positivos, principalmente em animais não diabéticos. Ainda, a taurina e o AE aparentam ser capazes de interferir sobre a apoptose neuronal e a perda de células gliais, e em alguns momentos, esses dois fatores parecem ter efeitos sinérgicos. **Conclusões:** A partir desses dados, pode-se observar que a taurina e o AE podem possuir efeitos neuroprotetores e neuroestimulantes.

Palavras-chave: Taurina, ambiente enriquecido, diabetes, memória, hipocampo, neurodegeneração.

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados da *International Diabetes Federation*, cerca de 382 milhões de pessoas no mundo tem diabetes *mellitus* (DM), e acredita-se que até o ano de 2035, este número aumente para 592 milhões de casos. Este mesmo estudo demonstra que no Brasil, o número de pessoas diabéticas chega a 11,9 milhões. Estima-se que o diabetes seja responsável, direta ou indiretamente, por cerca de 4 milhões de mortes por ano, e que a expectativa de vida esteja reduzida, em média, em 15 anos para pacientes com diabetes *mellitus* tipo 1 (DM1) e em 5 a 7 anos para pacientes com diabetes *mellitus* tipo 2 (DM2) (IDF Diabetes Atlas, 2013; Souza e cols., 2012). Esta alta incidência se deve a dietas altamente calóricas e estilos de vida sedentários (Reaven, 2005).

A hiperglicemia crônica é capaz de causar diversos efeitos negativos sobre o organismo, e o sistema nervoso central (SNC) é muito afetado. Podemos encontrar danos em regiões como o hipocampo, prejudicando funções de cognição e memória, o que pode levar a estados depressivos (Baynes, 1991; Bloomgarden, 1999; Ozkaya e cols., 2002; Greenwood e Winocur, 2005; Messier, 2005; Stranahan e cols., 2008; Caletti e cols., 2012; Mello e cols., 2012; Reagan, 2012).

Nos últimos anos, os cientistas vêm buscando mais explicações acerca do assunto, e estudando alternativas para melhorar ou reverter o quadro neurodegenerativo causado pela hiperglicemia crônica. A taurina é uma substância de baixa produção endógena, sendo obtida principalmente de fontes exógenas, como a alimentação ou por suplementação. Este aminoácido possui importantes efeitos para o desenvolvimento do SNC, e estudos demonstraram que em quadros de estresse metabólico, incluindo a hiperglicemia, ela apresenta efeitos neuroprotetores, antioxidantes, e até hipoglicemiantes (Suzuki e cols., 2001; Franconi e cols., 2006; Szymanski e Winiarska,

2008; Schaffer e cols., 2009; Ito e cols., 2012). Ainda, estudos têm mostrado que a taurina pode ser capaz de interferir nas vias de apoptose (Menzie e cols., 2013) e estimular a neurogênese (Shivaraj e cols., 2012).

Ainda, em busca da neutralização dos efeitos negativos causados pela neurodegeneração, vem-se estudando os efeitos positivos do enriquecimento ambiental (EA) em estudos com animais, que simularia a influência de exercícios físicos e estímulos sensoriais e de aprendizado, sendo relatada na literatura, uma melhoria de quadros de déficit cognitivo e de memória (Kempermann e cols., 1997; Piazza e cols., 2011; Ahmadalipour e cols., 2015).

Frente a isto, a proposta de unir em um único experimento, a suplementação com a taurina e a exposição ao ambiente enriquecido em um quadro hiperglicêmico, se torna útil para buscar mais resultados sobre este assunto.

1.1 Diabetes *mellitus*

Pode-se definir o DM como uma condição metabólica caracterizada pela deficiência total ou parcial da secreção e/ou funcionamento da insulina, resultante de uma destruição ou disfunção de células beta pancreáticas, fazendo com que os níveis de glicose intracelular fiquem diminuídos, e aumentados no meio extracelular, caracterizando um quadro de hiperglicemia (Kumar e cols., 2005; ADA, 2009).

O DM é classificado de acordo com a ação das células beta pancreáticas, produtoras de insulina: o DM1 é caracterizado pela degeneração das células beta, sendo dependente de insulina, enquanto a principal causa de DM2 é uma progressiva resistência insulínica com eventual deficiência insulínica, como resultado da constante hiperglicemia (Yi e cols., 2009).

Diversos órgãos e sistemas orgânicos são afetados por esta condição patológica, gerando uma série de complicações (Greenwood e Winocur, 2005; Messier, 2005). Devido à hiperglicemia crônica, pode haver o surgimento de complicações, como retinopatia, nefropatia, alterações cardiovasculares e vasculares, sendo comum observar em diabéticos, amputações não traumáticas de membros inferiores, cegueira irreversível e doença renal crônica (Souza e cols., 2012). Indivíduos adultos com DM possuem um risco de duas a quatro vezes maior de desenvolver doença cardiovascular, doença vascular periférica e acidente vascular cerebral em comparação com uma pessoa saudável (Greenwood e Winocur, 2005; Messier, 2005).

Diversas pesquisas com animais têm sido feitas, buscando-se entender cada vez mais os efeitos do diabetes sobre o organismo (Beauquis e cols., 2006; Lebed e cols., 2008; Revsin e cols., 2009). Algumas substâncias químicas são capazes de induzir o DM, como a estreptozotocina (STZ). A STZ é um antibiótico que destrói seletivamente as células beta-pancreáticas através da formação de radicais livres, acumulando-se na porção central das ilhotas, suprimindo a liberação de insulina. Devido a este fato, é utilizado para induzir modelos animais de DM1 (Lenzen, 2008). A STZ produz no animal muitas das alterações observadas em seres humanos, como: hiperglicemia, hipoinsulinemia, hiperfagia, polidipsia, perda de massa corporal, neuropatia periférica e déficit cognitivo, sendo assim, um modelo amplamente utilizado para estudar alterações periféricas e centrais promovidas pela hiperglicemia crônica (Serino e cols., 1998; Beauquis e cols., 2010).

Além de todos os danos já citados, decorrentes da hiperglicemia, esta, se não tratada, pode levar ao surgimento de alterações metabólicas no SNC, afetando sua estrutura, fisiologia, neuroquímica e citoarquitetura (Stranahan e cols., 2008).

1.2 O sistema nervoso central

Por definição, segundo Ross e Pawlina (2012) “o sistema nervoso capacita o corpo a responder a alterações contínuas em seu ambiente externo e interno. Ele controla e integra as atividades funcionais dos órgãos e sistemas orgânicos”. É graças ao sistema nervoso (SN) que é possível que um organismo funcione coordenadamente (Junqueira e Carneiro, 2013).

O SN é formado pelo SNC, composto pelo encéfalo e medula espinhal, e o sistema nervoso periférico (SNP), composto por nervos e gânglios. O SNC é revestido por meninges, que são compostas de tecido conjuntivo, e protegido mais externamente por revestimentos ósseos, nomeados de crânio e vértebras. O encéfalo está dividido em três partes: o cérebro, o cerebelo e o tronco encefálico. O cérebro constitui a parte mais larga do encéfalo, ocupando cerca de 80% da cavidade craniana. Possui dois hemisférios, um direito e outro esquerdo, conectados por axônios do corpo caloso, cada um dividido em quatro lobos: frontal, parietal, occipital e temporal (Machado, 2000; Bear e cols., 2008; Junqueira e Carneiro, 2013).

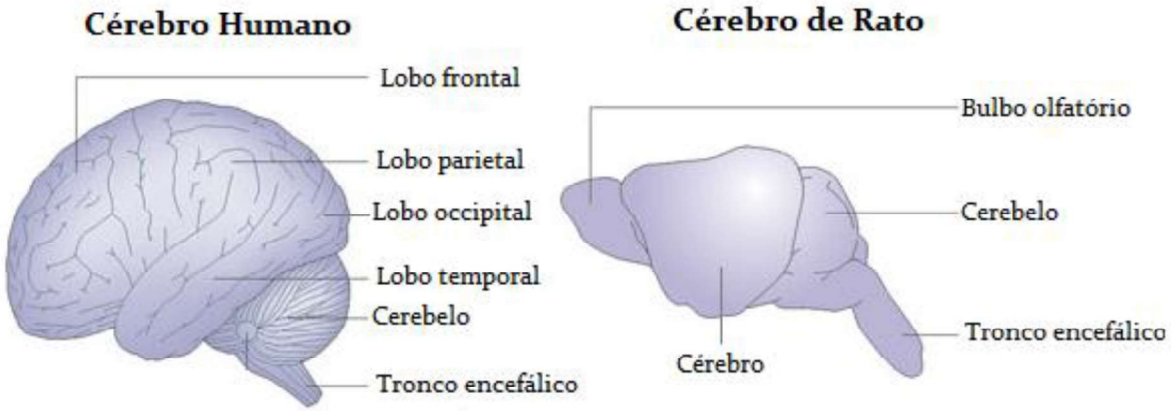


Figura 1. Desenho comparativo entre cérebro de humanos e de roedores (Extraído e adaptado de Cryan e Holmes, 2005).

Na parte mais externa do cérebro encontramos o córtex, também conhecido como substância cinzenta e que contém em sua maioria corpos celulares, enquanto a parte mais interna, chamada de substância branca, é formada principalmente por axônios, prolongamentos celulares e células da glia. (Machado, 2000; Bear e cols., 2008; Junqueira e Carneiro, 2013).

O tecido que compõe o SNC é formado por 2 classes principais de células, os neurônios e as células da glia, que abrangem os astrócitos, oligodendrócitos, micróglia e células ependimárias (Mello e cols., 2012; Ross e Pawlina, 2012; Junqueira e Carneiro, 2013).

Constituído por dendritos, corpo celular e axônio revestido ou não por bainha de mielina, os neurônios são classificados como a unidade funcional do SNC. Estes neurônios são capazes de responder aos diversos estímulos a que são submetidos através de impulsos nervosos, que vão desencadear reações fisiológicas, motoras, emocionais, entre outras. Os astrócitos fazem a sustentação do SNC, e com os pés vasculares, ligam-se aos capilares sanguíneos, auxiliando os neurônios na transmissão sináptica e promovem sua excitabilidade. Ainda, controlam as substâncias no nível extracelular dos neurônios. Os oligodendrócitos têm a função de isolar eletricamente os axônios dos neurônios dentro do SNC, produzindo em torno deste, a bainha de mielina. A micróglia representa as células fagocitárias do SNC, enquanto as células epiteliais ependimárias revestem as paredes dos ventrículos cerebrais (Mello e cols., 2012; Junqueira e Carneiro, 2013).

Figura 2. Células presentes no Sistema Nervoso Central (Adaptado de Moore e Persaud, 2003).

1.2.1 Hipocampo

O hipocampo é uma estrutura localizada no lobo temporal de cada hemisfério cerebral e relaciona-se diretamente com as funções de memória e aprendizagem. Também, faz parte do sistema límbico, tendo um papel integrativo, sendo essencial para os processos cognitivos e afetivos. É composto por dois grupos principais de células: células piramidais, que formam o Corno de Ammon (CA1, CA2, CA3, CA4) e as células granulares, que formam o giro denteado (GD). Essas estruturas, dispostas em camadas celulares, juntamente com outras regiões adjacentes, denominadas complexo subicular e córtex entorrinal, compõem a formação hipocampal (Bear e cols., 2008).

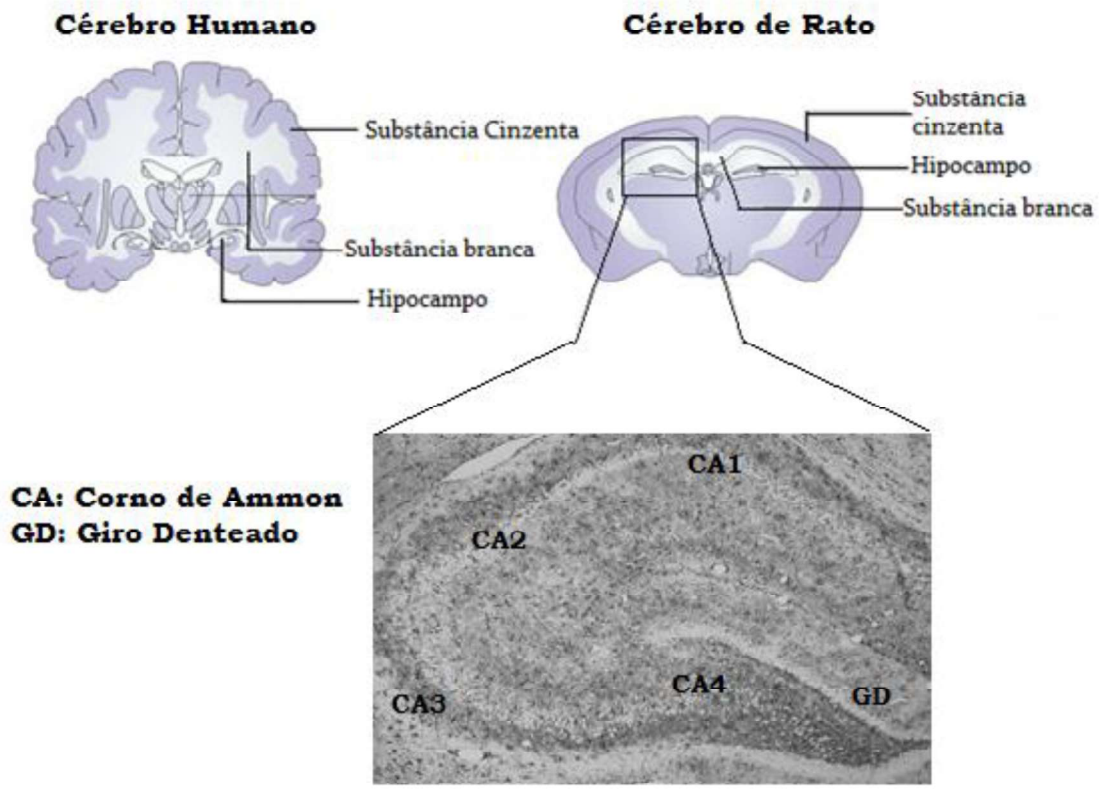


Figura 3. Ilustração mostrando a divisão interna de substância branca e cinzenta no cérebro de humanos e roedores, indicando também a posição do hipocampo, divisões do Corno de Ammon e giro denteado (Adaptado de Cryan e Holmes, 2005).

O GD possui funções muito importantes que o diferencia de outras sub-regiões dentro do hipocampo, sendo crucial para a formação de novos neurônios, em um processo chamado neurogênese adulta. Este processo envolve uma série de estágios distintos do desenvolvimento celular, dentre os quais se destacam: proliferação, sobrevivência e diferenciação celular (Kempermann e cols., 1998; Malberg e cols., 2000; Kempermann e cols., 2015). A neurogênese hipocampal, sob condições fisiológicas, gera um único tipo celular, que são os neurônios da camada granular do GD. Esses neurônios são excitatórios e recebem aferências do córtex entorrinal e enviam informações para as células piramidais do CA3 através de interneurônios. As

células precursoras de novos neurônios estão presentes em uma pequena faixa entre a camada granular e o hilo, chamada zona subgranular (Kempermann e cols., 2015).

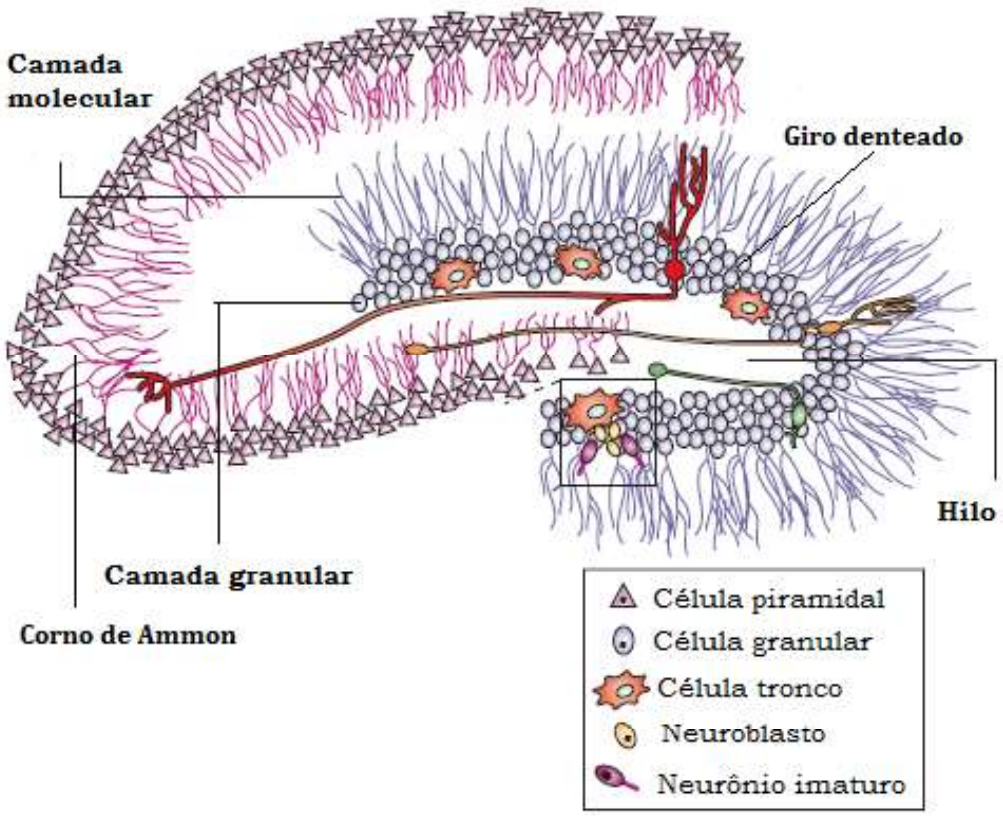


Figura 4. Desenho esquemático mostrando os tipos de células presentes na camada granular e molecular do GD, incluindo células precursoras de neurônios (adaptado de Vescovi e cols., 2006).

Dentro do hipocampo, as mudanças na força das sinapses entre grupos de neurônios, desempenham um papel crucial em funções cognitivas, de aprendizado e memória (Leuner e cols., 2006).

1.2.2 Memória

Através da aquisição de conhecimento, o processo pelo qual esses conhecimentos são armazenados, chamamos de memória. Em um primeiro momento, ocorre a exposição a determinadas experiências, onde ocorre a aquisição da informação; em um segundo momento, estas informações são processadas e armazenadas, por um mecanismo chamado consolidação da memória; por fim, as informações contidas na memória podem ser recordadas em algum momento, através da evocação. O processo de formação de memória envolve uma rede complexa de fatores bioquímicos, anatômicos, fisiológicos, comportamentais e ambientais (Izquierdo e cols., 1998; Zugno, 2007; Quillfeldt, 2010).

Podemos dividir a memória em dois tipos principais: a memória de curta duração e de longa duração. Na memória de curta duração, também chamada de memória operacional, ocorre o armazenamento de informações em contextos específicos por um curto período de tempo, que duram de minutos há poucas horas. Ainda, dentro da memória de curta duração, temos a memória de trabalho, que perdura por poucos segundos, para que, por exemplo, nossas atividades cotidianas possam ser feitas em continuidade, com nexo, sem que esqueçamos o que estamos fazendo naquele exato momento (Gazzaniga e cols., 2006).

A memória de longo prazo ocorre coletando-se informações em diferentes situações e não apenas em momentos e contextos específicos, que são armazenadas por longos períodos de tempo, até mesmo por toda a vida. Esta é dividida em memória declarativa (para eventos e fatos) e memória de não declarativa (para habilidades, principalmente, adquirida pela repetição e prática) (Okano e cols., 2000; Gazzaniga e cols., 2006; Valadares, 2006; Zugno, 2007; Deb e cols., 2015).

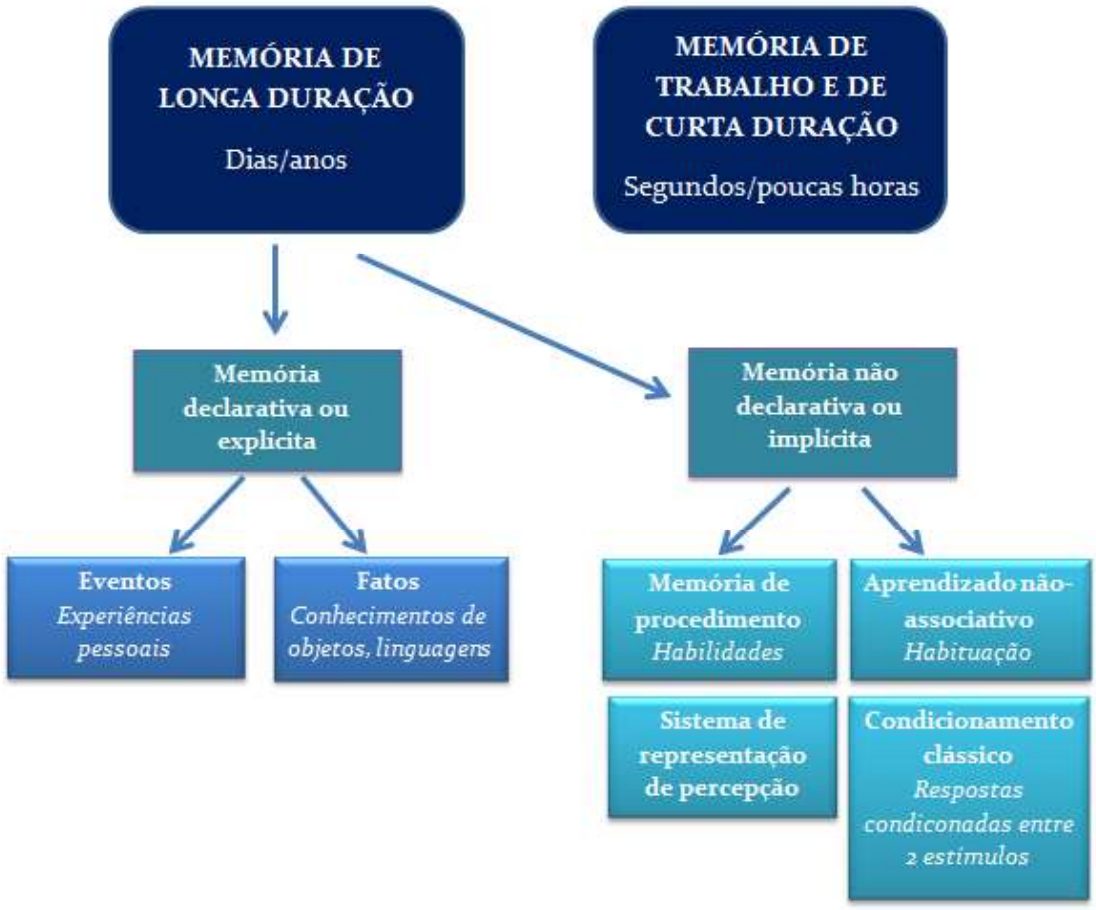


Figura 5. Esquema indicativo dos tipos de memória (Adaptada de Gazzaniga e cols, 2006).

Dentro do hipocampo, as memórias de curta duração são processadas e logo são esquecidas. Nas memórias de longa duração, o processo de aquisição e consolidação da memória, é bastante complexo. Resumidamente, um primeiro momento envolve a plasticidade sináptica e os potenciais de longa duração (LTP) entre neurônios pré-sinápticos e pós-sinapticos presentes no hipocampo, que interagem com outras regiões do cérebro, como a amigdala e os núcleos da base. Em seguida, ocorre a liberação de neurotransmissores, que ativam genes, neuroreceptores e a síntese de proteínas, que finalmente, terminam o processo de consolidação da memória. Após este processo, a memória fica armazenada em outras regiões do cérebro, principalmente no córtex

cerebral, e pode ser evocada a qualquer momento (Izquierdo e cols., 1998; Gazzaniga e cols., 2006).

1.3 Relação do Diabetes com SNC

O SNC, para seu bom funcionamento, necessita de glicose (Mello e cols, 2012). Porém, em situações em que há hiperglicemia crônica, pode haver sérios prejuízos ao SNC (Baynes, 1991; Reagan, 2012).

O estresse metabólico causado pela hiperglicemia é capaz de afetar o SNC de tal forma, que acaba resultando em dano neuronal e degenerativo, levando a diversos efeitos crônicos e adversos sobre o cérebro, como a diminuição da plasticidade sináptica, neurotoxicidade, déficits de memória e aprendizado (Stranahan e cols., 2008).

1.3.1 Dano tecidual

Em estudos envolvendo modelos experimentais de DM2, já foram observados alguns danos na região do hipocampo em decorrência da hiperglicemia crônica, como a perda e atrofia de espinhos dendríticos (Malone e cols., 2008), diminuição na neurogênese adulta (Kempermann e cols., 1998; Malberg e cols., 2000) interferência na proliferação celular (Beauquis e cols., 2006; Zhang e cols., 2008; Balu e Lucki, 2009), alterações de metabolismo mitocondrial, interferindo na respiração celular (Choi e cols., 2014) e principalmente, o aumento da apoptose neuronal (Hawkins e Davies, 2001).

O processo de apoptose ocorre por um mecanismo natural para desencadear a morte programada da célula. Este processo pode ocorrer por duas vias: a via extrínseca,

que é ativada por fatores de necrose tumoral, e a via intrínseca, que é ativada por algum tipo de estresse no meio extracelular ou intracelular, enviando sinais principalmente para a mitocôndria, que libera fatores pró-apoptóticos (Hengartner, 2000; Grivicich e cols., 2007). Quando a mitocôndria é estimulada por esses fatores, aumenta sua permeabilidade de membrana, o que faz com que a água do espaço intermembrana entre para seu interior, ocasionando sua ruptura. Essa ruptura, ocasiona a liberação de Citocromo-c, que juntamente com o fator de ativação de apoptose 1 (Apaf-1) e Caspase-9, forma um apoptossomo. Este apoptossomo leva a ativação da Caspase-9, que por sua vez, ativa a Caspase-3, finalizando o processo de apoptose, ocasionando a morte da célula. Além de provocar o rompimento da mitocôndria, os fatores pró-apoptóticos interferem na cadeia de produção de ATP, aumentando a produção de espécies reativas de oxigênio (EROs) (Grivicich e cols. 2007; Menzie e cols.2013). As EROs são moléculas que possuem um elétron desemparelhado em sua eletrosfera, altamente reativo, e que podem reagir com outras moléculas. Elas são produzidas naturalmente como um mecanismo de defesa a agressores, mas quando em excesso, exercem um efeito pró-oxidante, desencadeando um fenômeno que chamamos de estresse oxidativo (Hawkins e Davies, 2001; Warnholtz e cols., 2004; Dröse e Brandt, 2012). No estresse oxidativo, as EROs são capazes de reagir com lipídios de membrana de qualquer tecido, levando a morte celular. Se esta reação não for neutralizada por antioxidantes, ocorre uma inflamação crônica tecidual, aumentando ainda mais a morte celular, o que leva a destruição do tecido que for afetado (Valko e cols., 2007). Todo esse mecanismo de indução a apoptose pela liberação de fatores pró-apoptóticos e pelo estresse oxidativo pode ser induzido pela hiperglicemia crônica, e há indícios de que ela seja capaz de sozinha, induzir a ativação de caspase-3 e caspase-9 (Hawkins e Davies, 2001; Zeng e cols., 2010).

A hiperglicemia crônica também estimula um fenômeno que chamamos de reatividade astrocitária, que indica o sofrimento de células da glia em resposta ao estresse gerado por esta hiperglicemia, capaz de prejudicar seu bom funcionamento (Saravia e cols, 2002). Esta reatividade é uma reação normal a lesões, caracterizada pela proliferação intensa de astrócitos e expressão aumentada de proteína glial fibrilar ácida (GFAP), que é uma proteína de diferenciação de células da glia expressa por astrócitos (Verkhratsky e cols, 2015). Considerando que as células da glia desempenham um papel crítico no desempenho de diversas atividades neurais, um dano a estas células pode ocasionar diversos prejuízos, entre eles, o déficit cognitivo (Saravia e cols., 2002; Revsin e cols., 2005; Beauquis e cols., 2006; Lebed e cols., 2008). A hiperglicemia crônica também afeta a secreção da proteína S100B pelos astrócitos, que além de neuroprotetora, é responsável pela viabilidade e diferenciação neural (Lebed e cols., 2008; Mello e cols., 2012; Tramontina e cols, 2012). Ainda, o quadro hiperglicêmico é capaz de alterar o metabolismo do glutamato (Reagan, 2012). Uma vez que o astrócito já está com sua função comprometida, ele não consegue fazer a captação de glutamato na fenda sináptica. Isto gera um efeito excitotóxico, que irá aumentar o influxo de Ca^{2+} para o interior da célula neural, iniciando assim a produção de EROs desenfreadamente. Este aumento na produção de EROs não pode ser controlado pela atividade antioxidante normal, que se torna insuficiente, e assim, este estresse oxidativo causa sérios prejuízos ao tecido nervoso (Nardin, 2006; Mello e cols.,2012; Reagan, 2012).

1.3.2 Memória, aprendizado e déficit cognitivo

Alguns estudos já avaliaram os danos que a hiperglicemia crônica pode causar sobre a memória (Malone e cols., 2008; Revsin e cols., 2009; Piazza e cols, 2011).

A diminuição na taxa de neurogênese e o aumento na taxa de apoptose, são fatores que levam a neurodegeneração e diminuem a capacidade funcional das células. Estes fatores são muito influentes, e podem explicar a diminuição na capacidade cognitiva, de formação e evocação de memória em animais diabéticos (Kempermann e cols., 1998; Malberg e cols., 2000; Hawkins e Davies, 2001).

Além disso, evidências recentes sugerem que a hiperglicemia crônica é capaz de causar defeitos na transmissão e plasticidade sináptica hipocampal, interferindo nas sinapses entre neurônios, tanto na fase pré como na pós-sináptica, prejudicando a propagação da informação. É capaz de afetar a estrutura e a morfologia de elementos importantes envolvidos nas sinapses, gerando danos funcionais que podem resultar em comprometimento do aprendizado, da consolidação da memória e aumento do déficit cognitivo. Entre estes elementos estruturais, observam-se modificações estruturais nos terminais sinápticos, defeitos nas vesículas secretoras de neurotransmissores e retração dos dendritos, que não desempenham suas funções adequadamente (Reisi e cols, 2008; Revsin e cols., 2009; Reagan, 2012).

Sendo assim, cada vez mais buscam-se alternativas para tentar reduzir os efeitos negativos da hiperglicemia sobre o SNC (Reisi e cols, 2008; Stranahan, 2008; Yi e cols., 2009).

1.4 Taurina e o SNC

A taurina (ácido 2-aminoetanossulfônico) é um dos aminoácidos livres mais abundantes em alguns tecidos de mamíferos, principalmente humanos, como músculo esquelético, cardíaco e cérebro. Considerada como um aminoácido semi-essencial, possui diversas funções importantes, como antioxidante, anti-inflamatório,

antiarrítmico, regulador dos canais iônicos, formação de ácidos biliares, entre outros (Oja e Saransaari, 2007; Puerta e cols., 2010; Shivaraj e cols., 2012; Nóbrega, 2013; De Luca e cols., 2015). A taurina pode ser sintetizada no fígado a partir de dois aminoácidos, a metionina e cisteína, que sofrem ação de algumas enzimas, sendo transformada, ao final, em hipotaurina e finalmente, a taurina (Vitvitsky e cols., 2011; Menzie e cols., 2013).

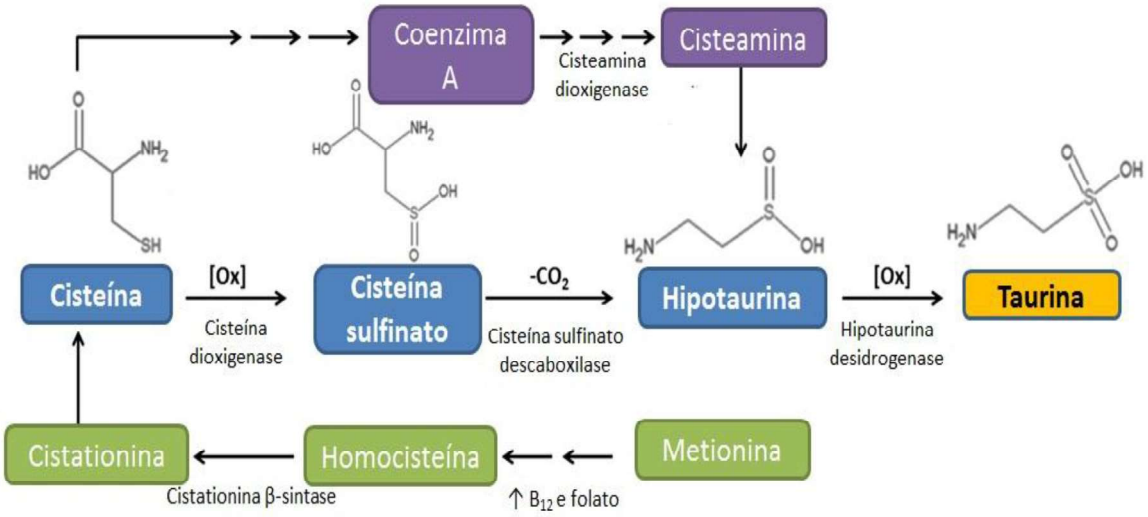


Figura 6. Rota de biossíntese da Taurina a partir de metionina e cisteína (adaptado de De Luca e cols., 2015).

Como a produção endógena é insuficiente, a taurina é absorvida através da alimentação, com alimentos ricos em aminoácidos, como o leite e derivados, carne, nozes, feijão e frutos do mar (Nóbrega, 2013; De Luca e cols., 2015).

Possui também um importante papel no funcionamento do SNC dos mamíferos, atuando em diversos processos, como osmorregulação, neuromodulação, estabilização da membrana, neuroproteção e proliferação celular, tendo ainda um grande potencial antioxidante (Franconi e cols., 2006; Oja e Saransaari, 2007; Ito e cols., 2012;

Kumari e cols., 2013; Menzie e cols., 2013). A taurina só não pode ser considerada um neurotransmissor por não possuir um receptor próprio, sendo assim, ela atua como um inibidor através dos receptores de GABA e outros receptores potenciais (Ripps e Shen, 2012; Menzie e cols., 2013).

Recentemente, alguns trabalhos demonstraram o papel benéfico da taurina no DM1 e DM2, resistência à insulina e suas complicações, incluindo nefropatia, retinopatia, neuropatia, aterosclerose e cardiomiopatia (Garcia e cols., 2003; Ito e cols., 2012; Nóbrega, 2013; De Luca e cols.,2015).

Este aminoácido tem demonstrado desempenhar um papel preventivo e terapêutico através dos seus efeitos antioxidantes, previamente comprovados, que são principalmente exercidos nas mitocôndrias, demonstrando ter uma ação benéfica relevante no contexto da diabetes (Suzuki e cols., 2001; Szymanski e Winiarska, 2008; Schaffer e cols., 2009). A taurina parece neutralizar os efeitos excitotóxicos do glutamato, diminuindo o influxo de Ca^{+2} para o interior da célula, controlando assim a produção de EROs (Schaffer e cols., 2009; Menzie e cols., 2013).

Recentes estudos sustentam a hipótese de que a suplementação dietética de aminoácidos como substâncias nutracêuticas pode ser benéfica para a saúde de indivíduos diabéticos, de maneira a controlar a hiperglicemia, evitando alterações neuronais importantes no SNC. Especula-se que ao nível central a taurina possa aumentar a atividade motora e motivação via estimulação da dopamina (Garcia e cols., 2003; Caletti e cols., 2012). Ainda, ela é capaz de agir na tríade de sintomas apresentados pela doença mal controlada (polifagia, polidipsia e hiperglicemia), indicando a proteção que o aminoácido oferece frente às complicações apresentadas pelo diabete. Sugere-se também que a taurina seja capaz de influenciar na saciedade,

porém, os mecanismos pelos quais esta saciedade ocorre ainda não foram elucidados (Veldhorst e cols., 2009).

A taurina exerce um número notável de efeitos positivos sobre os processos celulares em algumas doenças. No cérebro, representa a molécula mais relevante osmoticamente ativa e se especula que ela atue como um neuroprotetor, interferindo nas vias de apoptose e neutralizando danos decorrentes de estresse oxidativo no tecido, prevenindo assim a morte de células nervosas (Puerta e cols., 2010; Kumari e cols., 2013). Estudos também têm demonstrado a importância da taurina no processo de neurogênese e sinaptogênese, sendo capaz de estimular o desenvolvimento de células tronco em regiões do GD do hipocampo, proliferação de novos neurônios e neurotransmissão, melhorando a memória e déficits cognitivos (Shivaraj e cols., 2012). A taurina também parece ter um efeito protetor contra a apoptose de células gliais (Zeng e cols., 2010).

1.5 Ambiente enriquecido e SNC

O AE é definido como uma combinação de interação social, exposição continuada a "possibilidades de aprendizagem" e exercícios físicos. Um ambiente enriquecido experimental pode ser composto por uma gaiola mais ampla, com várias vias de acesso, rodas de exercício, opções de esconderijos e brinquedos de vários tamanhos e texturas. Desse modo, os artifícios presentes no ambiente, devem proporcionar a aquisição de novas habilidades e experiências, e que segundo alguns autores podem alterar a estrutura e função do encéfalo de roedores, por meio de estímulos excitatórios, o que aumenta a capacidade de plasticidade neuronal. Isso faz

com que o animal se torne mais curioso, facilitando o aprendizado e melhorando processos de memória (Krech e cols., 1960; Biernaskie e Corbett, 2001).

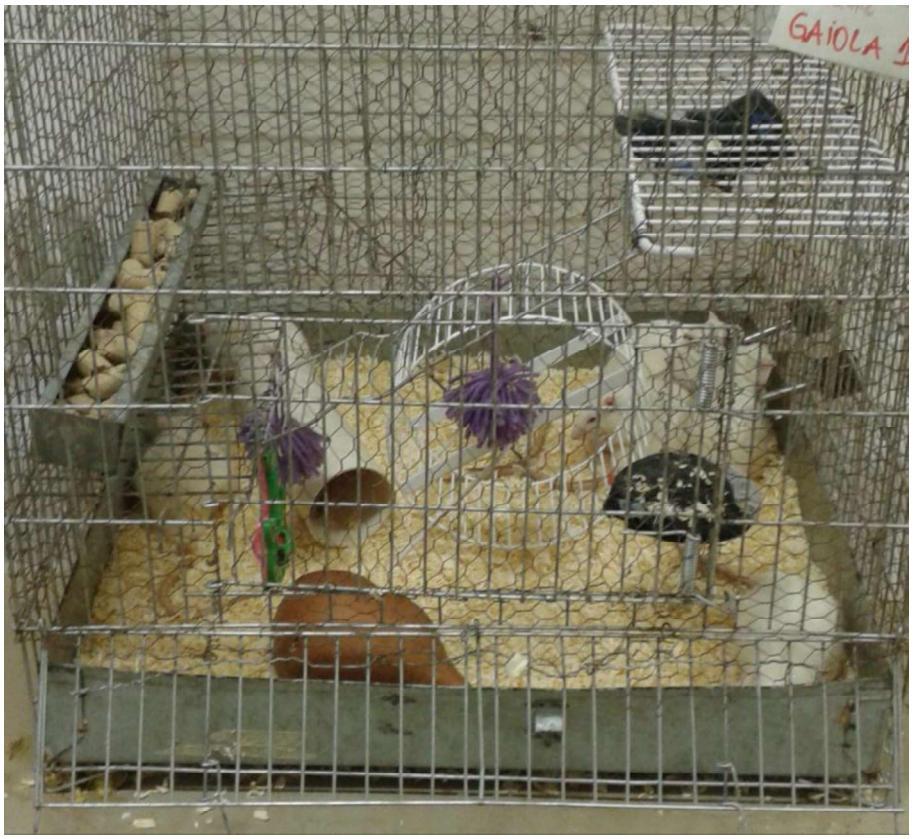


Figura 7. Exemplo de gaiola de enriquecimento ambiental (56x56x56), com 3 andares, contendo rampas, brinquedos e objetos para esconderijo (material do pesquisador).

Em estudos com animais com dano encefálico, a exposição ao enriquecimento ambiental (EA) pode desempenhar um papel importante na plasticidade neuronal hipocampal, bem como, melhorar as funções afetadas (van Praag e cols., 2000, Ahmadalipour e cols., 2015).

Algumas pesquisas demonstram que o AE é capaz de influenciar na neurogênese hipocampal e aumentar o número de astrócitos (van Praag e cols., 2000; Komitova e cols., 2005; Segovia e cols., 2006). Além disso, foi descrito que o AE é capaz de estimular o aumento dos prolongamentos dendríticos e proteger a rede vascular

do hipocampo de animais diabéticos (Beauquis e cols., 2010). Ainda, é possível observar sua influência sobre habilidades, aprendizado e memória (Beauquis e cols., 2010; Piazza e cols., 2011; Ahmadalipour e cols., 2015).

1.6 A imuno-histoquímica na avaliação do dano ao tecido nervoso

Existem diversas técnicas que são capazes de evidenciar alterações em células do SNC e possíveis danos neurais. Estudos recentes utilizam diversas técnicas para estudar o comportamento de astrócitos (GFAP), proliferação celular e neurogênese (5-bromo-2'-deoxyuridine (BrdU); Neuronal Nuclei (NeuN); Neural cell adhesion molecule (NCAM)) e apoptose neuronal (Caspase-3), frente a desordens metabólicas e doenças em nível cerebral. Estas técnicas compreendem a imunocitoquímica, imunofluorescência, *western blot* e também a imuno-histoquímica (IH), que detecta componentes celulares no tecido através de marcadores, gerando ligações antígeno-anticorpo capazes de ser observadas e quantificadas (Kandratavicius e cols., 2007; Revsin e cols., 2009; Beauquis, 2010; Piazza, e cols., 2011; Hsiao e cols., 2014).

A GFAP é uma proteína de filamentos intermediários encontrada no citoplasma dos astrócitos. Sabendo-se que em quadros estressores, como na hiperglicemia crônica, há o aumento da reatividade astrocitária, é muito útil para avaliar a dimensão do dano neural pela técnica de IH (Saravia e cols, 2002; Revsin e cols, 2005; Lebed e cols., 2008).

Para detecção de células em apoptose podemos utilizar como marcador a Caspase-3, que é uma protease da família das caspases, que está intimamente ligada à cascata de eventos que termina em apoptose (Chen e cols., 2015). Na hiperglicemia crônica, sabe-se que há a ativação de Caspase-3 em decorrência do dano mitocondrial, e

por isso, células em apoptose podem ser observadas pela técnica de IH (Hawkins e Davies, 2001; Zeng e cols., 2010; Menzie e cols, 2013).

1.7 Avaliação do comportamento animal e déficits de memória

Existem diversas formas pelas quais se pode avaliar o comportamento, a memória e o aprendizado de animais. Através de testes bem estabelecidos, é possível avaliar estados emocionais e a capacidade do animal de aprender e conseguir evocar uma memória (Quillfeldt, 2010).

1.7.1 Teste do campo aberto

Esse teste permite avaliar a atividade locomotora de animais, a atividade exploratória, o estado de ansiedade, de depressão e medo. Conhecendo-se o comportamento normal do animal, é possível avaliar comportamentos patológicos (Oliveira e cols., 2008; Quillfeldt, 2010). O teste consta de um aparato, chamado arena, que é cercado por paredes, onde o animal não tem visão para o exterior. O assoalho desta arena possui marcações, em quadrantes, que delimitam o centro e a periferia da arena, para que a partir destes, seja possível avaliar em qual região o animal permanece por mais tempo.

O animal é solto no centro da arena, e seus comportamentos são filmados por um período pré-determinado, de acordo com cada protocolo. Na análise dos vídeos, podem ser avaliadas: a distância que o animal percorreu dentro da arena; o tempo gasto na periferia do aparato; o número de quadrantes atravessados em cada região, que irá

indicar o nível de deambulação do animal; o tempo que o animal permaneceu imóvel (FREEZING), farejando (SNIFFING) e explorando em pé (REARING), que irão indicar a atividade locomotora e exploratória; o tempo gasto no centro e o número de quadrantes atravessados; tempo de autolimpeza (GROOMING) e quantidade de defecação, que são parâmetros que indicam o nível de ansiedade do animal (Gould e cols., 2009; Quillfeldt, 2010; Guilhermitti, 2011). Muitos estudos utilizam esse teste para avaliar o efeito de drogas, doenças e tratamentos (Carola e cols., 2002; Cryan e Holmes, 2005; Hsiao e cols., 2014), incluindo aqueles para avaliar efeitos da diabetes, enriquecimento ambiental e da administração de taurina (Piazza e cols., 2011; Caletti e cols., 2012).

1.7.2 Reconhecimento de Objetos

A tarefa de reconhecimento de objetos (RO) avalia a capacidade do animal de relembrar um objeto que lhe foi apresentado, e ainda, perceber a troca do objeto antigo por um novo e diferente. Essa tarefa envolve memória espacial e a memória para itens, além disso, envolve processos cognitivos de identificação, percepção e discriminação, por exemplo (Quillfeldt, 2010).

O teste consiste em submeter o animal a uma sessão de treino, dentro de uma arena, contendo 2 objetos idênticos. Durante alguns minutos, o animal pode explorar a vontade a arena e os objetos. O animal é retirado desta arena por um tempo, que pode variar de minutos até um dia, de acordo com cada protocolo, e em seguida, retorna para a sessão de teste. No teste, o animal é apresentado novamente a dois objetos, sendo que um destes é o mesmo que já lhe foi apresentado na sessão de treino, e o outro é trocado por um objeto novo, de cores, dimensões e formato diferentes (Hsiao e cols, 2014).

Alguns estudos utilizam esta técnica para avaliar danos à memória causados por diversas doenças, incluindo a diabetes, e também, para observar a influência de medicamentos sobre a aquisição, consolidação e evocação destas memórias (Dix e Aggleton, 1999; Revsin e cols, 2009; Piazza e cols., 2011; Hsiao e cols, 2014; Zuloaga e cols., 2015).

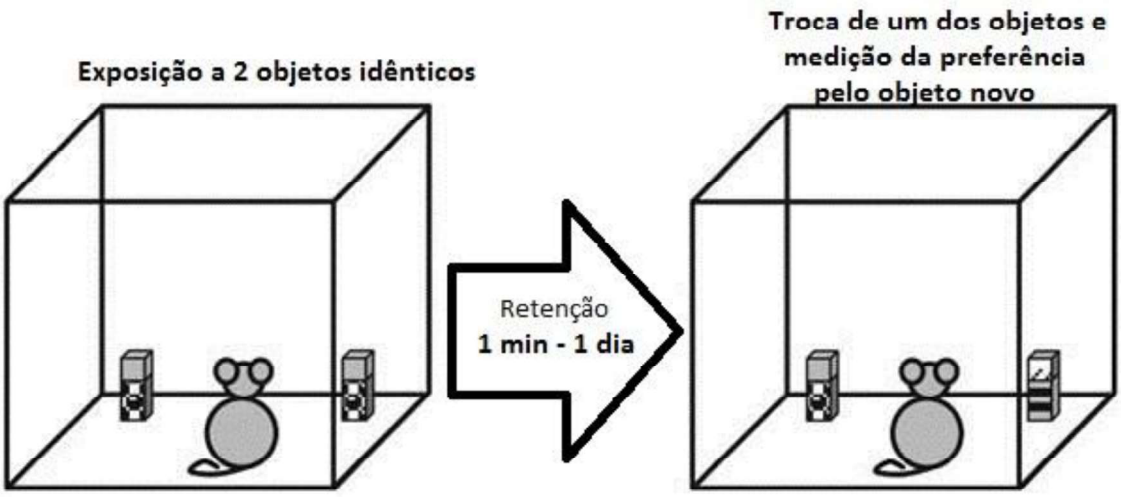


Figura 8. Teste de reconhecimento espontâneo de objetos para avaliação de memória espacial e de curto prazo em ratos. O tempo total de exploração é de geralmente 5 minutos, e o tempo de intervalo entre o treino e o teste pode variar de 1 minuto a 1 dia, conforme o protocolo (adaptado de Dix e Aggleton, 1999).

1.7.3 Esquiva inibitória

A esquiva inibitória (EI), ou esquiva passiva, avalia a capacidade do animal de adquirir, consolidar e evocar memórias aversivas através de estímulos com choque elétrico, e também é capaz de avaliar memória espacial e de trabalho. Diversos estudos

utilizam este sistema de choque para avaliar déficits de memória nas mais diversas patologias (Zugno, 2007; Ahmadalipour e cols., 2015; Tabrizian e cols., 2015).

No presente teste, o animal, em uma sessão de treino, é colocado dentro de uma caixa fechada, sobre uma plataforma com uma das paredes transparente, para melhor observação. A tendência é que após algum tempo de exploração, o animal desça da plataforma para explorar o restante do ambiente. Quando o animal desce da plataforma e toca com as quatro patas o assoalho do aparato, que é composto por barras metálicas conectadas a uma fonte elétrica, recebe um choque intermitente que pode variar até 1mA (miliampère), durante 3-5 segundos. Neste momento espera-se que o animal adquira uma memória aversiva a este choque. Na sessão de teste, que pode ocorrer 24 horas após o treino, o animal é recolocado no aparato sob as mesmas condições, e é medido o tempo que o animal leva para descer da plataforma, chamado de tempo de latência. Desta vez, quando o animal tocar as barras com as patas, não levará outro choque. Teoricamente, um animal que possui uma boa memória consegue evocar a memória aversiva ao choque, apresentando assim um tempo de latência maior do que animais que possuem déficits de memória (Zugno, 2007; Quillfeldt, 2010; Ogren e Stiedl, 2013).

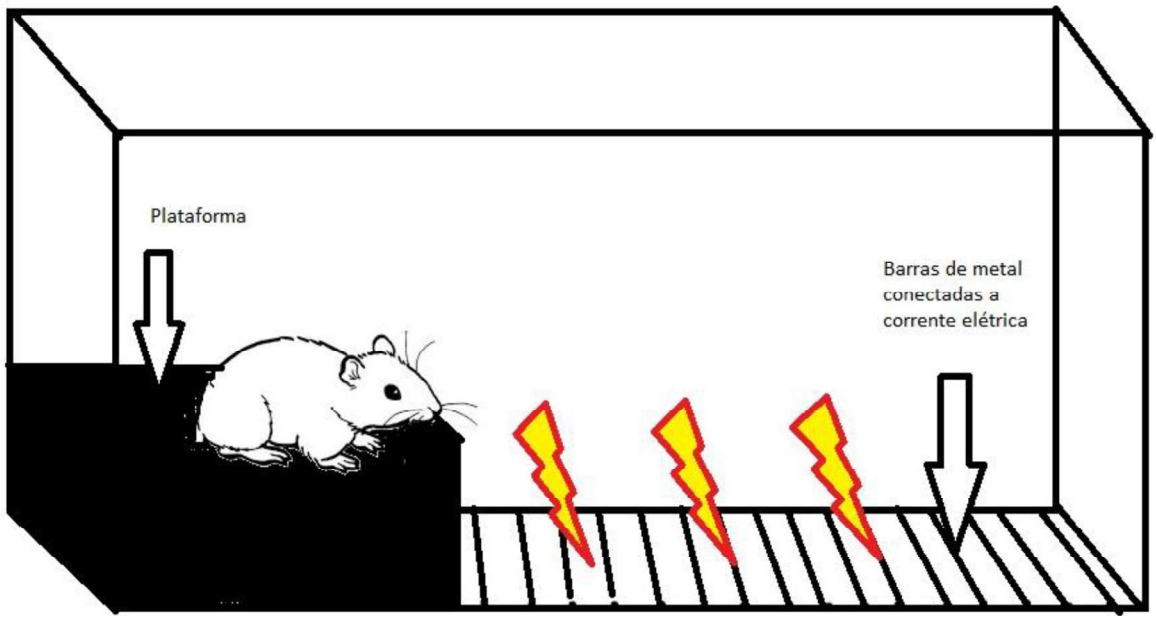


Figura 9: Desenho representativo do teste de esquiva inibitória, mostrando a plataforma e as barras de metal conectadas a fonte elétrica, que irá liberar o choque a medida que o animal tocá-las com as 4 patas (adaptado de Quillfeldt, 2010).

1.8 Referências bibliográficas

Ahmadalipour A, Sadeghzadeh J, Vafaei AA, Bandegi AR, Mohammadkhani R, Pour AR. Effects of environmental enrichment on behavioral deficits and alterations in hippocampal BDNF induced by prenatal exposure to morphine in juvenile rats. Neuroscience. 2015 Oct; 1(305):372-83.

ADA. American Diabetes Association. Diagnosis and classification of diabetes mellitus. Diabetes Care. 2009; 32:62–67.

Balu DT, Lucki I. Adult hippocampal neurogenesis: regulation, functional implications, and contribution to disease pathology. Neurosci Biobehav Rev. 2009; 333:232-52.

Baynes JW. Role of oxidative stress in development of complications in diabetes. Diabetes. 1991; 404:405-12.

Bear MF, Connors BW, Paradiso MA. Neurociências: desvendando o sistema nervoso. Porto Alegre: Artmed. 2008; 3ª ed, 896p.

Beauquis J, Roig P, De Nicola A, Saravia F. Short-term environmental enrichment enhances adult neurogenesis, vascular network and dendritic complexity in the hippocampus of type 1 diabetic mice. Plos One. 2010; 5(11).

Beauquis J, Roig P, Delarche FH, De Nicola A, Saravia F. Reduced hippocampal neurogenesis and number of hilar neurones in streptozotocin-induced diabetic mice: reversion by antidepressant treatment. Eur J Neurosci. 2006; 236:1539-46.

Biernaskie J, Corbett D. Enriched rehabilitative training promotes improved forelimb motor function and enhanced dendritic growth after focal ischemic injury. J Neurosci. 2001; 2114:5272-80.

Bloomgarden ZT. Nephropathy and retinopathy. Diabetes Care. 1999; 224:640-4.

Caletti G, Olguins DB, Pedrollo EF, Barros HM, Gomez R. Antidepressant effect of taurine in diabetic rats. Amino Acids. 2012.

Carola V, D'Olimpio F, Brunamonti E, Mangia F, Renzi, P. Evaluation of the elevated plus-maze and open-field tests for the assessment of anxiety-related behaviour in inbred mice. Behav Brain Res. 2002; 134: 49-57.

Chen H, Yang X, Feng Z, Tang R, Ren F, Wei K, *et al*. Prognostic value of Caspase-3 expression in cancers of digestive tract: a meta-analysis and systematic review. Int J Clin Exp Med. 2015; 8(7):10225–10234.

Choi J, Chandrasekaran K, Demarest TG, Kristian T, Xu S, Vijaykumar K, *et al.* Brain diabetic neurodegeneration segregates with low intrinsic aerobic capacity. Ann Clin Transl Neurol. 2014; 1(8):589–604.

Cryan JF, Holmes A. The ascent of mouse: advances in modelling human depression and anxiety. Nat Rev Drug Discov. 2005; 775-790.

Deb D, Bairy KL, Nayak V, Rao M. Comparative effect of lisinopril and fosinopril in mitigating learning and memory deficit in scopolamine-induced amnesic rats. Adv Pharmacol Sci. 2015.

De Luca A, Pierno S, Camerino DC. Taurine: the appeal of a safe amino acid for skeletal muscle disorders. J Transl Med. 2015 Jul; 13:243.

Dix SL, Aggleton JP. Extending the spontaneous preference test of recognition: evidence of object-location and object-context recognition. Behav Brain Res. 1999; 992: 191-200.

Dröse S, Brandt U. Molecular mechanisms of superoxide production by the mitochondrial respiratory chain. Adv Exp Med Biol. 2012; 748:145–169.

Franconi F, Loizzo A, Ghirlanda G, Seghieri G. Taurine supplementation and diabetes mellitus. Curr Opin Clin Nutr Metab Care. 2006; 91:32-6.

Garcia VL, Bragança E, Burini RC. A taurina como ergogênico. Nutrição em Pauta. 2003; 1161.

Gazzaniga MS, Ivry RB, Mangun GR. Neurociência cognitiva: a biologia da mente. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Gould T, Dao D, Kovacsics C. The open field test. In: Gould TD, editor. Mood and anxiety related phenotypes in mice: characterization using behavioral tests. Neuromethods, v.42. Human Press. 2009.

Greenwood CE, Winocur G. High-fat diets, insulin resistance and declining cognitive function. Neurobiol Aging. 2005; 26(1): 42-5.

Grivicich I, Regner A. Rocha AB. Morte celular por apoptose. Revista Brasileira de Cancerologia. 2007; 53(3):335-343.

Guilhermitti, A.C. Comportamento de filhotes de rato (*Rattus norvegicus*) em um campo aberto na presença e na ausência de animais adultos [dissertação]. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2011.

Hawkins CL, Davies MJ. Generation and propagation of radical reactions on proteins. Biochim Biophys Acta. 2001; 15042-3:196-219.

Hengartner MO. The biochemistry of apoptosis. Nature. 2000; 407:770-76.

Hsiao, YH, Hung, HC, Shen SH, Gean PW. Social interaction rescues memory deficit in an animal model of Alzheimer's disease by increasing BDNFD dependent hippocampal neurogenesis. J Neurosci. 2014 Dec; 34(49):16207–16219.

International Diabetes Federation. IDF Diabetes Atlas. 2013. 6ª ed, 160 p.

Ito T, Schaffer SW, Azuma J. The potential usefulness of taurine on diabetes *mellitus* and its complications. Amino Acids. 2012; 425: 1529-39.

Izquierdo I, Barros DM, Souza TM, de Souza MM, Izquierdo LA, Medina JH. Mechanisms for memory types differ. Nature. 1998; 3936686: 635-6.

Junqueira LC, Carneiro J. Histologia básica: texto e atlas. Rio de janeiro: Guanabara Koogan. 12ª ed., 2013.

Kandratavicius L, Monteiro MR, Romcy-Pereira RN, Arisi GM, Cairasco NG, Leite JP. Neurogênese do cérebro adulto e na condição epilética. J Epilepsy Clin Neurophysiol. 2007; 13(3):119-123.

Kempermann G, Kuhn HG, Gage FH. Experience-induced neurogenesis in the senescent dentate gyrus. J Neurosci. 1998; 189:3206-12.

Kempermann G, Kuhn HG, Gage FH. More hippocampal neurons in adult mice living in an enriched environment. Nature.1997; 386: 493-495.

Kempermann G, Song H, Gage FH. Neurogenesis in the adult hippocampus. Cold Spring Harb Perspect Biol. 2015.

Komitova M, Mattson B, Johansson B, Erikson PS. Enriched environment increases neural stem/progenitor cell proliferation and neurogenesis in the subventricular zone of stroke-lesioned adult rats. Stroke. 2005 Jun; 36(6):1278-82.

Krech D, Rosenzweig MR, Bennett EL. Effects of environmental complexity and training on brain chemistry. J Comp Physiol Psychol. 1960; 53:509-19.

Kumar V, Abbas AK, Fausto N. Robbins & Cotran: Patologia: bases patológicas das doenças. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

Kumari N, Prentice H, Wu JY. Taurine and its neuroprotective role. Adv Exp Med Biol. 2013; 775: 19–27.

Lebed YV, Orlovsky MA, Nikonenko AG, Ushakova GA, Skibo GG. Early reaction of astroglial cells in rat hippocampus to streptozotocin-induced diabetes. Neurosci Lett. 2008; 4442:181-5.

Lenzen S. The mechanisms of alloxan- and streptozotocin-induced diabetes. Diabetologia. 2008; 512: 216-26.

Leuner B, Gould E, Shors TJ. Is there a link between adult neurogenesis and learning? Hippocampus. 2006;163: 216-24.

Machado A. Neuroanatomia funcional. 2ªed. São Paulo: Atheneu, 380p, 2000.

Malberg JE, Eisch AJ, Nestler EJ, Duman RS. Chronic antidepressant treatment increases neurogenesis in adult rat hippocampus. J Neurosci. 2000; 2024:9104-10.

Malone JI, Hanna S, Saporta S, Mervis RF, Park CR, Chong L*, et al.* Hyperglycemia not hypoglycemia alters neuronal dendrites and impairs spatial memory. Pediatr Diabetes. 2008; 96:531-9.

Mello AS, Santos AQ, Funchal C. Correlação entre hiperglicemia e células do SNC, com enfoque na atividade glial. Revista de Neurocienciência. 2012; 20(2):294-301.

Menzie J, Prentice H, Wu JY. Neuroprotective mechanisms of taurine against ischemic stroke. Brain Sci. 2013 Jun; 3(2): 877–907.

Messier C. Impact of impaired glucose tolerance and type 2 diabetes on cognitive aging. Neurobiol Aging. 2005; 26(1): 26-30.

Moore KL, Persaud TVN. The developing human: clinically oriented embryology. 7ª ed, Saunders. 2003, 560p.

Nardin P. Avaliação dos parâmetros bioquímicos e morfológicos em células gliais expostas ao um meio com alto conteúdo de glicose [dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

Nobrega, MP. Efeito da suplementação de taurina na oxidação de substratos energéticos e no desempenho de atletas nadadores [dissertação]. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 2013.

Ogren SO, Stiedl O. Passive Avoidance. In: Stolerman IP. Encyclopedia of Psychopharmacology. Springer 2013:960-967.

Oja SS, Saransaari P. Pharmacology of taurine. Proc West Pharmacol Soc. 2007; 50: 8-15.

Oliveira RB, Nascimento MVM, Valadares MC, de Paula JR, Costa EA , da Cunha LC. Avaliação dos efeitos depressores centrais do extrato etanólico das folhas de *Synadenium umbellatum pax* e de suas frações em camundongos albinos. Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas. 2008 Jul/Set; 44(3).

Okano H, Hirano T, Balaban E., "Learning and memory," Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America. Proc Natl Acad Sci. 2000; 97(23): 12403–12404.

Ozkaya YG, Agar A, Yargicoglu P, Hacioglu G, Bilmen-Sarikcioglu S, Ozen I*, et al.* The effect of exercise on brain antioxidant status of diabetic rats. Diabetes Metab. 2002; 285:377-84.

Piazza FV, Pinto GV, Trott G, Marcuzzo S, Gomez R, Fernandes MC. Enriched environment prevents memory deficits in type 1 diabetic rats. Behav Brain Res. 2011; 217: 16-20.

Puerta, CD, Arrieta FJ, Balsa JA, Botella-Carretero JI, Zamarrón I *et al.* Taurine and glucose metabolism: a review. Nutrición Hospitalaria. 2010; 6(25): 910-919.

Quillfeldt JA. Behavioral Methods to Study Learning and Memory in Rats. In: Andersen ML, Tufik S, editors. Animal models as tools in ethical biomedical research. São Paulo, Universidade Federal de São Paulo. 2010:227-269.

Reagan LP. Diabetes as a chronic metabolic stressor: causes, consequences and clinical complications. Exp Neurol. 2012; 2331:68-78.

Reaven GM. The insulin resistance syndrome: definition and dietary approaches to treatment. Annu Rev Nutr. 2005; 25:391-406.

Reisi P, Babri S, Alaei H, Sharifi MR, Mohaddes G, Lashgari R. Effects of treadmill running on short-term pre-synaptic plasticity at dentate gyrus of streptozotocin-induced diabetic rats. Brain Res. 2008; 1211:30-6.

Revsin Y, Rekers NV, Louwe MC, Saravia FE, De Nicola AF, de Kloet ER*, et al.* Glucocorticoid receptor blockade normalizes hippocampal alterations and cognitive impairment in streptozotocin-induced type 1 diabetes mice. Neuropsychopharmacology. 2009; 343:747-58.

Revsin Y, Saravia F, Roig P, Lima A, de Kloet ER, Homo-Delarche F*, et al.* Neuronal and astroglial alterations in the hippocampus of a mouse model for type 1 diabetes. Brain Res. 2005; 10381: 22-31.

Ripps H, Shen W. Review: Taurine: A “very essential” amino acid. Molecular Vision. 2012; 18:2673-2686.

Ross MH, Paulina W. Histologia: texto e atlas, em correlação com Biologia celular e molecular. 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

Saravia FE, Revsin Y, Gonzalez Deniselle MC, Gonzalez SL, Roig P, Lima A*, et al.* Increased astrocyte reactivity in the hippocampus of murine models of type 1 diabetes: the nonobese diabetic (NOD) and streptozotocin-treated mice. Brain Res. 2002; 9572:345-53.

Schaffer SW, Azuma J, Mozaffari M. Role of antioxidant activity of taurine in diabetes. Can J Physiol Pharmacol. 2009; 872: 91-9.

Segovia G, Yague AG, Garcia-Verdugo JM, Mora F. Environmental enrichment promotes neurogenesis and changes the extracellular concentrations of glutamate and GABA in the hippocampus of aged rats. Brain Res Bull. 2006; 701: 8-14.

Serino R, Ueta Y, Tokunaga M, Hara Y, Nomura M, Kabashima N*, et al.* Upregulation of hypothalamic nitric oxide synthase gene expression in streptozotocin-induced diabetic rats. Diabetologia. 1998; 416:640-8.

Shivaraj MC, Marcy G, Low G, Ryu JR, Zhao X, Rosales FJ, *et al*. Taurine induces proliferation of neural stem cells and synapse development in the developing mouse brain. Plos One, 2012 Aug; 7(8):1-12.

Souza CF, Gross JL, Gerchman F, Leitão CB. Pré-diabetes: diagnóstico, avaliação de complicações crônicas e tratamento. Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia. 2012; 56:275-284.

Stranahan AM, Arumugam TV, Cutler RG, Lee K, Egan JM, Mattson MP. Diabetes impairs hippocampal function through glucocorticoid-mediated effects on new and mature neurons. Nat Neurosci. 2008; 113:309-17.

Suzuki T, Wada T, Saigo K, Watanabe K. Novel taurine-containing uridine derivatives and mitochondrial human diseases. Nucleic Acids Res Suppl. 2001; 1: 257-8.

Szymanski K, Winiarska K. Taurine and its potential therapeutic application. Postepy Hig Med Dosw. 2008; 62: 75-86.

Tabrizian K, Yaghoobi NS, Iranshahi M, Shahraki J, Rezaee R, Hashemzaei M. Auraptene consolidates memory, reverses scopolamine-disrupted memory in passive avoidance task, and ameliorates retention deficits in mice. Iran J Basic Med Sci. 2015; 18(10):1014-9.

Tramontina AC, Nardin P, Santos AQ, Tortorelli L, Wartchow KM, Andreazza AC, *et al.* High-Glucose and S100B Stimulate Glutamate Uptake in C6 Glioma Cells. Neurochem Res. 2012; 37:1399-408.

Valadares CT, Efeitos da desnutrição protéica pós-natal do desempenho de ratos em diferentes tarefas de aprendizagem e memória [tese]. São Paulo: USP, 2006.

Valko M, Leibfritz D, Moncol J, Cronin MTD, Mazur M, Telser J. Free radicals and antioxidants in normal physiological functions and human disease. Int J Biochem Cell Biol. 2007 Aug; 39(1):44-84.

van Praag H, Kempermann G, Gage FH. Neural consequences of environmental enrichment. Nat Rev Neurosci. 2000; 13:191-8.

Veldhorst MA, Nieuwenhuizen AG, Hochstenbach-Waelen A, Westerterp KR, Engelen MP, Brummer RJ*, et al.* Effects of high and normal soyprotein breakfasts on satiety and subsequent energy intake, including amino acid and 'satiety' hormone responses. Eur J Nutr. 2009; 482: 92-100.

Verkhratsky A, Steardo L, Parpura V, Montana V. Translational potential of astrocytes in brain disorders. Prog Neurobiol. 2015.

Vescovi AL, Galli R, Reynolds BA. Brain tumour stem cells. Nat Rev Cancer. 2006; 6: 425-436.

Vitvitsky V, Garg SK, Banerjee R. Taurine biosynthesis by neurons and astrocytes. J Biol Chem. 2011; 286:32002-32010.

Warnholtz A, Wendt M, August M, Münzel T. Clinical aspects of reactive oxygen and nitrogen species. Biochem Soc Symp. 2004; (71):121-133.

Yi SS, Hwang IK, Yoo KY, Park OK, Yu J, Yan B*, et al.* Effects of treadmill exercise on cell proliferation and differentiation in the subgranular zone of the dentate gyrus in a rat model of type II diabetes. Neurochem Res. 2009; 346: 1039-46.

Zeng K, Xu H, Mi M, Chen K, Zhu J, Yi L, *et al.* Effects of taurine on glial cells apoptosis and taurine transporter expression in retina under diabetic conditions. Neurochem Res. 2010 Oct; 35: 1566-1574.

Zhang WJ, Tan YF, Yue JT, Vranic M, Wojtowicz JM. Impairment of hippocampal neurogenesis in streptozotocin-treated diabetic rats. Acta Neurol Scand. 2008; 1173: 205-10.

Zugno, AI. Guanidino acetato altera parâmetros bioquímicos e comportamentais em ratos: efeito neuroprotetor da taurina e antioxidantes [tese]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

Zuloaga KL, Johnson LA, Roese NE, Marzulla T, Zhang W, Nie X, *et al*. High fat diet-induced diabetes in mice exacerbates cognitive deficit due to chronic hypoperfusion. J Cereb Blood Flow Metab. 2015.

2 OBJETIVOS

1.1. Objetivo geral

Avaliar a influência da taurina e do ambiente enriquecido sobre o giro denteado do hipocampo de ratos diabéticos e não diabéticos.

1.2. Objetivos específicos

- Avaliar o impacto do uso da taurina e exposição ao AE sobre a memória (de curta e de longa duração) e comportamento nos diferentes grupos experimentais;
- Avaliar a influência da taurina e do AE sobre a densidade dos filamentos intermediários (GFAP+) dos astrócitos no GD do hipocampo de animais diabéticos e não diabéticos;
- Avaliar a influência da taurina e do AE sobre a apoptose, observando a variação no número de células marcadas com caspase-3 clivada no GD do hipocampo de animais diabéticos e não diabéticos;
- Verificar em todas as análises, se a taurina e o AE, juntos, são capazes produzir efeitos sinérgicos.

3 ARTIGO CIENTÍFICO REDIGIDO EM INGLÊS

O artigo intitulado, “The effect of taurine and enriched environment on behaviour, memory and hippocampus of diabetic rats”, encontra-se a seguir, e está de acordo com as normas de publicação, que seguem em ANEXO, da revista Neuroscience Letters.

THE EFFECT OF TAURINE AND ENRICHED ENVIRONMENT ON BEHAVIOUR, MEMORY AND HIPPOCAMPUS OF DIABETIC RATS

Francine Luciano Rahmeier[a], Lisiane Silveira Zavalhia[a], Lucas Silva Tortorelli[a], Fernanda Huf[a], Luiza Paul Géa[c], Rosalva Thereza Meurer[a], Aryadne Cardoso Machado[a], Rosane Gomez[b], Marilda da Cruz Fernandes[a]#

[a] Laboratório de Pesquisa em Patologia, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

[b] Laboratório de Álcool e Tabaco, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

[c] Centro de Pesquisa Experimental, Laboratório de Psiquiatria Molecular, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Corresponding author: Marilda da Cruz Fernandes, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Rua Sarmento Leite, 245, Porto Alegre-RS, Brazil. ZIP Code: 90050-170. Phone: +55 051 3303-8725. E-mail address: marneuro@hotmail.com

Author's e-mail
Francine Luciano Rahmeier: frahmeier13@hotmail.com
Lisiane Silveira Zavalhia: lisi.zavalhia@hotmail.com
Lucas Silva Tortorelli: lucas.tortorelli@gmail.com
Fernanda Huf: ferhuf@gmail.com
Luiza Paul Géa: lu.p.gea@gmail.com
Rosalva Thereza Meurer: rosalvameurer@hotmail.com
Aryadne Cardoso Machado: aryadne.cardoso@hotmail.com
Rosane Gomez: rosane.gomez@ufrgs.br
Marilda da Cruz Fernandes: marneuro@hotmail.com

Abstract

Diabetes mellitus (DM) has been studied recently as a major cause of cognitive deficits, memory and neurodegenerative damage. Taurine and enriched environment have stood out for presenting neuroprotective and stimulating effects that deserve further study. In this paper, we examined the effects of taurine (T) and enriched environment in the context of diabetes, evaluating effects on behaviour, memory, death and cellular activity. Eighty-eight Wistar rats were divided into 2 groups (E=enriched environment; C=standard housing). Some animals (24/group) underwent induction of diabetes, and within each group, some animals (half of diabetics (D) and half of non-diabetics (ND)/group) were treated for 30 days with taurine. Untreated animals received saline (S). In total, there were eight subgroups: DTC, DSC, NDTC, NDSC, DTE, DSE, NDTE and NDSE. During the experiment, short and long-term memories were evaluated. On the 30th day from the beginning of treatment, the animals were euthanized by transcardiac perfusion for removal of brains. All brain sections were made for immunohistochemistry procedures for GFAP and cleaved caspase-3. As a result, we observed that animals treated with taurine showed better performance in behavioural and memory tasks, and the enriched environment had positive effects, especially in non-diabetic animals. Furthermore, taurine and enriched environment seemed to be able to interfere with neuronal apoptosis and loss of glial cells, and in some instances, these two factors seemed to have synergistic effects. From these data, taurine and enriched environment may have important neurostimulant and neuroprotective effects.

Keywords: Taurine, enriched environment, diabetes, memory, dentate gyrus, neurodegeneration.

1. Introduction

According to the *International Diabetes Federation*, approximately 382 million people worldwide have diabetes *mellitus* (DM), and it is believed that by the year 2035, this number will increase to 592 million cases [1].

Chronic hyperglycaemia may cause various effects on the body and central nervous system (CNS). Several chronic effects on the brain have been described, such as decreased synaptic plasticity [2, 3], neurotoxicity, neuroinflamation, decreased cell proliferation, increased neuronal apoptosis [4-6], astrocyte damage, excitotoxicity, changes in glutamatergic neurotransmission [3, 7] and mainly cognitive, memory and learning deficits [2, 3, 8-10].

The effects of environmental enrichment (EE) in animal studies have been observed to simulate the influence of physical exercises, sensory stimulation and learning, with positive effects on skills, memory and cognitive deficits [11-13]. Studies have shown that the EE is able to influence hippocampal neurogenesis, also increase dendritic extensions and the number of astrocytes [11-16].

Other studies have shown the positive effects of taurine. Taurine, considered as a semi-essential amino acid, it has several important functions, especially on the mammalian CNS acting in various processes such as osmoregulation, neuromodulation, membrane stabilization and cell proliferation [17, 18]. In metabolic stress conditions, such as DM, taurine has neuroprotective and antioxidants effects [19-21]. It interferes with the apoptosis pathways [22-24], helps in cell proliferation, neurogenesis, improves cognitive deficits [25] and neutralises excitotoxicity [26].

Faced with so many beneficial effects, this study seeks to unite in a single experiment the effects of taurine and exposure to an EE in a hyperglycaemic state, to obtain more results on this subject.

2. Material and methods

2.1. Animals

Eighty-eight male adult Wistar rats weighing 300g on average, from the local breeding colony (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brazil - UFCSPA) were used. All procedures were approved by the Ethics Committee of Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA (Protocol 134/13). The animals were manipulated according to international and national laws for the ethical care and manipulation of laboratory animals (European Communities Council Directive of 22 September 2010, 2010/63/EU and Lei 11.794/08).

2.2. Experimental groups

The animals were divided into 2 main groups, according to the environment: group C were housed in standard housing and group E, were housed in cages with EE. Each group (C and E) was divided into four subgroups, according to the induction of diabetes and the treatment, totalling eight subgroups: diabetic animals treated with taurine in group C (DTC, n=12); diabetic animals untreated with taurine in group C (DSC, n=12); non-diabetic (ND) animals treated with taurine in group C (NDTC, n=10); non-diabetic animals untreated with taurine in group C (NDSC, n=10); diabetic

animals treated with taurine in group E (DTE n=12); diabetic animals untreated with taurine in group E (DSE, n=12); non-diabetic animals treated with taurine in group E (NDTE, n=10); non-diabetic animals untreated with taurine in group E (NDSE, n=10) (Figure 1).

2.3. Environmental conditions

Forty-four animals were housed in cages with EE (group E), divided proportionally between 6 cages (56x56x56cm) in order to promote social interaction. Each cage had three floors connected by ramps, promoting physical exercise and movement. Various elements of different shapes and textures were placed, including: balls, stairs, cubes, tunnels, wool pompoms, chopped paper, sand paper, swings, burrows, rattles and wheels exercises, which were available to the animals during the 30 days of the experiment. They were always 5 different objects in each cage and once a week, some of them were replaced by different ones, with the intention to stimulate sensory, motor and cognitive functions. The remaining forty-four animals were housed in standard housing (group C) (Plexiglas® cages, 41x34x16cm), with two animals per cage in order to minimise the social interaction and without any kind of EE.

All animals in C and E groups, until the beginning of the experiment, went through a period of adaptation to new environments, for about 10 days. They were kept under ideal conditions of temperature (22 ± 2°C) and humidity (55%), with a light:dark cycle of 12 hours. All animals had free access to food and water.

2.4. Induction and confirmation of diabetes

After the habituation and handling period (10 days), 24 animals from each group were induced with diabetes. After 16 hours of fasting, animals received intraperitoneal (i.p.) injection of 50 mg/kg of streptozotocin (Sigma®), dissolved in citrate buffer (pH 4.5). Non-diabetic control animals were injected only with citrate buffer (1 mL/kg i.p.). The hyperglycaemia was confirmed 48 hours after administration. Animals who showed blood glucose above 200 mg/dL were considered diabetics. No animal had to be excluded. During the 30 days of the experiment, glucose levels were measured once a week, until the day before euthanasia.

2.5 Administration of taurine

Taurine (Pharmanostra®) was administered at a dose of 100 mg/kg i.p., dissolved in saline, with the first dose given 1 day after diabetes confirmation and applied daily for 30 days. Taurine was administered in half of the diabetic animals and half of the non-diabetic animals from each group (C and E). The animals untreated with taurine received only saline (1 mL/kg).

2.6. Open field task (OF)

The open field task evaluates the animal's behaviour in a different environment. On the 25th day of the experiment, 1 hour after administration of taurine or saline, the animals were individually placed in an empty arena (Insight®, 60x60x60cm), surrounded by walls and the floor were divided into 12 quadrants; their behaviours were

recorded for 5 minutes. Then, the videos were watched by two observers, and the following behaviours were analysed and measured: (1) input frequency in the periphery area (CROSSINGp); (2) time in the centre area (TIMEc); (3) time sniffing (SNIFFING) and (4) number of "rearing" (REARING). These analysed parameters were able to express tranquillity, anxiety, fear and exploratory behaviour.

2.7. Object recognition task

The animals were placed individually in the same arena used for the open field task (60x60x60cm) for 5 minutes for 2 consecutive days. On the third day (27th day of treatment) the animals underwent a training session for 5 minutes, with two identical objects (A1 and A2) being presented to them. After training, the animals returned to the cages for 1 minute. Meanwhile, one object (A2) was replaced by another unfamiliar object (B). The animals returned to the arena and the exploratory behaviours were recorded for 3 minutes, for frequency analysis and time of sniffing and exploration of objects, considering a minimum distance of 2cm from them. Behaviours such as climbing up on objects were not considered exploratory.

The object recognition index (RI) is calculated using the formula: (B)/(B+A1)*100, which express the percentage of preference for the new object, where B is the new object and A1 is the familiar object [13].

2.8. Histological procedures

The animals were euthanized, transcardially perfused after the 30th day of the experiment. They were anaesthetised with ketamine (80-100 mg/kg i.p.) and xylazine

(5-10 mg/kg i.p.), heparinized with 0.1mL heparin and perfused with 0.9% saline for 10 minutes, followed by 4% paraformaldehyde diluted in phosphate buffer (PBS) 0.1M (pH 7.2-7.4) for 30 minutes. Then the brains were removed, which were maintained for 24 hours in 4% buffered paraformaldehyde, and then in 70% ethanol for at least 24 hours. The samples embedded in paraffin. Coronal sections were made 4μm in the dentate gyrus of the hippocampus, as stereotactic atlas coordinates [27] (2.8 to 4.3 coordinates of bregma) with a rotatory microtome. Nine coronal sections per animal were selected for analysis, with a distance of 80μm between each cut. The experimental design is shown in Figure 2.

2.9. Immunohistochemistry

After deparaffinization, the slices to GFAP were allowed to stand in PBS (pH 7.4) with 0.5% Triton X-100 (PBS-tx) for 15 minutes, while the slices to cleaved caspase-3 were allowed to stand in citrate buffer (pH 6.00) at 98°C for 20 minutes for antigen retrieval. After, the blocking of endogenous peroxidase was made with hydrogen peroxide (30V) 5% in methanol for 10 minutes (3 times). Nonspecific proteins were blocked with bovine serum albumin 1% (BSA) (Sigma®) in PBS-tx for at least 1 hour at room temperature (RT). Then, the sections were incubated with primary monoclonal antibody (GFAP: Dako® 1:500; Cleaved caspase-3: Cell Signalling Technology® 1:500) overnight at 4°C. After, the sections to GFAP were incubated with the secondary and tertiary antibody (HRP® Advance kit, Dako®) for 40 minutes each at RT, while the section to cleaved caspase-3 were incubated with the secondary antibody (SignalStain® Apoptosis Kit, Cell Signaling Technology®) also for 40 minutes. Finally, immunohistochemical reaction was revealed with a 0.06% 3.3'-diaminobenzidine

(DAB) (Dako®) in PBS-tx for at least 3 minutes, counterstained with haematoxylin (only cleaved caspase-3) and mounted on slides using Entellan® (Merck®). For GFAP, the samples were photographed and analysed by optical densitometry using the software Image Pro Plus® 6.3 (Media Cybernetics®). For cleaved caspase-3, the samples were analysed by two researchers, in Olympus BX-40 microscope (Olympus®). Immunoreactive cells for cleaved caspase-3 were quantified in the granular layer of the dentate gyrus of the hippocampus.

2.10. Statistical analysis

The results were expressed as mean±standard deviation. Statistical analysis was performed by a three-way analysis of variance (ANOVA) followed by Bonferroni's *post-hoc* test. Difference was considered significant if $p<0.05$.

3. Results

3.1. Open field task

The results that CROSSINGp showed between animals of group C, DTC (17.7±5.07) did not differ in relation to its control DSC (18±2.79) but NDTC (16.6±2.63) differ significantly from NDSC (25.1±1.91) with $p<0.001$. In the group E, DTE (22.2±3.88) showed lower average in relation to DSE (26.9±1.91) with $p=0.004$ and NDTE (44.2±5.37) showed higher average in relation to NDSE (35.7±2.43) and the others subgroups with $p<0.001$. Animals of group C showed lower number of CROSSINGp in relation to animals of group E ($p<0.005$).

The results that REARING showed that DTC (16.70±2.75) did not differ in relation to DSC (14.00±2.17), already, NDTC (12.70±2.26) showed lower number of REARING in relation to NDSC (22.00±4.55), with $p<0.001$. In the group E, DTE (14.5±3.24) did not differ from DSC (15.8±2.20), but NDTE (25.80±3.15) showed higher average in relation to NDSE (22.25±4.77) and the others subgroups with $p=0.02$.

As for SNIFFING, DTC (61±3.93) showed higher average in relation to DSC (56.1±3.98) with $p=0.02$, and NDTC (43.5±2.63) differ from NDSC (55.7±4.52) with $p<0.001$. In the group E, diabetic animals (DTE 61.5±6.43 and DSE 65.3±5.20) did not differ among themselves, but NDTE (68.7±6.02) differ from animals NDSE (60.8±5.55) and also differ from NDTC, with $p<0.001$.

Finally, as for TIMEc in the group C, DTC (24.8±2.93) and NDTC (17±1.56) showed higher averages compared to their controls DSC (18.16±3.18) and NDSC (20.09±1.93) respectively, with $p<0.001$. In the group E, DTE (12.2±2.74) and NDTE (8.4±1.25) did not differ in relation to their controls DSE (12.10±2.55) and NDSE (8±1.41) respectively. Still, animals of group C showed higher averages when compared with animals of group E ($p<0.001$), except for NDSC and NDSE, which did not differ. All results can be seen in Figure 3.

3.2. Object recognition task

In this task, the RI values did not differ among animals of group C (DTC 66.7±5.98; DSC 63.5±5.88; NDTC 71.8±9.72; NDSC 65.8±3.19). In the group E, DTE (88.24 ± 10.18) compared to DSE (64.6±15.15) showed significant difference ($p<0.001$), but NDTE (84.82±11.67) did not differ from NDSE (80.4±3.80). Animals of

group E had better RI in comparison to group C (DTE/DTC; NDTE/NDTC; NDSE/NDSC), with $p<0.005$ (Figure 4).

3.3. Densitometry Optical GFAP

In the group C, DTC (0.245±0.020) had higher optical density (OD) of GFAP in comparison to DSC (0.218±0.018), with $p<0.001$. Animals NDTC (0.242±0.010) in relation to NDSC (0.2341±0.004), showed no difference. In group E, diabetic animals (DTE 0.247±0.013 and DSE 0.246±0.017) did not differ among themselves, however, NDTE (0.295±0.029) had higher OD in relation to NDSE (0.236±0.013) and all subgroups ($p<0.001$) (Figure 5).

3.4. Cleaved caspase-3

Comparing the mean quantifying immunoreactive cells to cleaved caspase-3, DTC (40.96±2.54) had lower average in relation to DSC (45.45±1.32), with $p<0.001$, but between NDTC (33.28±2.86) and NDSC (34.50±3.88) did not showed difference. In the group E, DTE (43.74±1.95) and NDTE (34.77±2.48) in comparison to their controls DSE (48.10±2.46) and NDSE (40.71 ± 2.84) respectively, showed difference with $p<0.001$. Curiously, animals of group E in comparison to subgroups of group C (DTE/DTC; DSE/DSC; NDSE/NDSC), showed a higher number of apoptotic cells and although not a very big difference, it was significant ($p<0.05$) (Figure 6).

4. Discussion

Some results found in this study are new and showed positive effects of environmental enrichment and treatment with taurine. In the literature, there are few studies with diabetic animal models investigating the influence of taurine or EE on memory, behaviour or expression of immunohistochemical markers such as GFAP and caspase. However, when we searched for studies linking all these elements, data were not found.

Some studies have discussed how DM can adversely influence animal behaviour, reducing locomotor and exploratory activity, and increasing anxiety [3, 28]. In the OF task, the taurine in diabetic group C was not able to improve locomotor activity (CROSSINGp and REARING), but seems to have helped in improving the exploratory ability (SNIFFING) and also increasing TIMEc compared to the untreated diabetic controls. In theory, by instinct, animals tend to avoid the centre of an unknown location, performing thigmotactic behaviour. When the animal spends more time in the centre of arena, this animal apparently is less anxious [29]. In non-diabetic animals of group C, the taurine acts decreasing the locomotor and exploratory activity and increasing the TIMEc, showing an effect similar to anxiolytic, which was previously described by Caletti et al. [28]. In diabetics of group E, taurine acts decreasing the locomotor and exploratory activity showing effect anxiolytic. In non-diabetic animals of group E, the taurine act increasing the locomotor and exploratory activity in relation to NDSE and all subgroups, apparently showing a possible stimulating effect. The EE alone can improve locomotor and exploratory activity in comparison to standard housing animals (NDSE/NDSC) and potentiated to stimulant effect of taurine in NDTE suggest a synergistic effect. The EE did not able to improve the TIMEc in relation to

animals of group C, possibly because these animals were habituated to a wide and rich environment. Therefore, in front of an empty and new environment, they easily become more anxious, probably due to modulation in interoception and exteroception. The beneficial effects of EE have already been observed in other studies [13; 30], by stimulating curiosity and making them more willing and smart animals. This suggests that the physical and interactive activities are able to improve physical and locomotor states as well as states that can cause depression.

Another important complication of DM are memory deficits [10, 31] that can be improved when treated with taurine [32, 33] and positively affected by EE [13]. In the object recognition task, the taurine, in the group E, appeared to influence memory, possibly associated with EE since we observed a significant improvement in the performance of the animals, both diabetic and non-diabetic when compared to their controls and in relation to the equivalent subgroups of group C (DTC and NDTC). However, the animals of group C did not show any influence. When observing the performances of NDSE we show that they were better than those in NDSC, suggesting that the EE alone might have a positive influence on memory. Studies have shown that EE is able to improve memory [34] and the same effect was seen in animals with brain damage [30], diabetic [13] and senescent animals [35] confirming our results.

In immunohistochemistry for GFAP we did not observe astrocyte reactivity (AR) in diabetic animals. This reactivity, indicating a cell response to stress [2], has already been observed in the study by Saravia et al. [36]. This characterizes a physiological response to injury that can evolve to a pathophysiological condition, with hypertrophy-hyperplasia of astrocytes and increased expression of GFAP [37]. However, other study found that the AR has a sudden increase after the onset of hyperglycaemia, but after 4 weeks the reactivity begins to decline with decreased GFAP

expression [38] initiates a neurodegeneration process. Taking into account that the treatment of this experiment lasted 4 weeks, our animals would already be in this phase of decline, and thus their values were close to the controls. Moreover, taurine in DTC seemed to contain the decline observed in the DSC, keeping the GFAP levels above untreated animals, demonstrating a possible neuroprotective effect already observed by Zeng et al. [23]. In the group E, taurine did not have the same effect on the diabetic animals. However, untreated diabetic animals (DSE) did not have the same decrease in OD of GFAP seen in DSC, maintaining similar levels to the NDSE control, showing that EE may be able to interfere with neural damage processes, as described in another study [9].

Taurine appeared to influence NDTE animals, increasing the immunoreactivity of GFAP above all subgroups, which possibly in conjunction with EE presented higher OD of GFAP, giving the impression of a synergistic effect. We could see that this effect was not harmful to the animals in this group, since we observed that they performed better on memory tasks, had higher exploratory and locomotor activity and smaller cells in apoptosis values, compared to the others. This event has been described in other studies [35, 39] observing that healthy animals subjected to EE had increased immunoreactivity for GFAP in the hippocampal DG region, suggesting a response to the new cell formation and modulation of synapses due to various sensory stimuli and social interaction that EE offers, supporting our findings, which can be further enhanced by the stimulating effect of taurine.

Also, the taurine showed no effect on the physiological apoptosis mechanism in non-diabetic animals of group C, already observed in other study [19]. However, taurine appeared to be able to prevent the increasing number of apoptotic cells in diabetic animal in both groups (C and E), demonstrating a potential neuroprotective

effect, possibly playing an antioxidant role by reducing the damage caused by hyperglycaemia, as explained by other authors [19, 22, 24]. The same effect was observed in NDTE. Surprisingly, when we compared the subgroup averages in group E with the equivalent of C group, especially among controls (NDSC and NDSE), a small increase in the apoptosis were observed in group E compared to group C, contradicting some studies that did not show this pattern in healthy animals [40]. This small increase was not harmful to the behavioural and memory tasks because EE animals had excellent performances on such tasks as compared with the standard housing animals. This increase of apoptosis may be due to various sensory, emotional and physical stimuli that occur at EE that increases the consumption of ATP and oxygen, which cause a physiological increase in the production of reactive oxygen species (ROS). Previous studies have described that the increase in ROS production triggers oxidative stress [4, 5] and stimulates the release of pro-apoptotic factors. Also, studies have shown that EE is able to increase neurogenesis processes [11, 12, 14]. Therefore, an increase in neurogenesis can compensate this increase in apoptosis and this would be important data to analyse in future studies.

5. Conclusion

We conclude that the taurine is able to improve memory deficits induced by diabetes, increase the exploration activity and interfere with apoptosis and neurodegeneration process. The EE also modulate behaviour and animal physiology, increasing the curiosity and exploration. Thus, improved mechanisms of acquisition and memory consolidation, both in diabetic and non-diabetic animals. In some instances, the taurine and EE showed a beneficial synergistic effect on behaviour, memory, protection

against cell death and stimulating glial adaptive responses to treatment and environment rich in information. So, the positive results presented confirm that these factors can be very beneficial to the quality of life of individuals with DM.

Acknowledgment

The authors would like to thank the Pathology Research Laboratory of UFCSPA and its members, in particular Teresinha Stein. Also thanks to Carlos Eduardo Schnorr, Mailton Vasconcelos, Thuani Saldanha Wagener, Ricardo Grunitzki, Francele Valente Piazza and the support provided by CAPES and CNPq.

6. References

[1] IDA. International Diabetes Federation. IDF Diabetes Atlas, sixth ed,2013, 160 p.

[2] Y. Revsin, N.V. Rekers, M.C. Louwe, F.E. Saravia, A.F. De Nicola, E.R. de Kloet, et al., Glucocorticoid receptor blockade normalizes hippocampal alterations and cognitive impairment in streptozotocin-induced type 1 diabetes mice, Neuropsychopharmacology Feb 34 (3) (2009), 747-58.

[3] L.P. Reagan, Diabetes as a chronic metabolic stressor: causes, consequences and clinical complications, Exp. Neurol. 233 (1) (2012), 68-78.

[4] C.L. Hawkins, M.J. Davies, Generation and propagation of radical reactions on proteins, Biochim. Biophys. Acta 1504 (2-3) (2001), 196-219.

[5] G. Verdile, S.J. Fuller, R.N. Martins, The role of type 2 diabetes in neurodegeneration, Neurobiol. Dis. 84 (2015) 22-38.

[6] W.J. Zhang, Y.F. Tan., J.T. Yue, M. Vranic, J.M. Wojtowicz, Impairment of hippocampal neurogenesis in streptozotocin-treated diabetic rats, Acta Neurol. Scand. 117 (3) (2008), 205-10.

[7] A.M. Stranahan, Models and mechanisms for hippocampal dysfunction in obesity and diabetes, Neuroscience 309 (2015), 125-139.

[8] O.Ojo, J. Brooke, Evaluating the association between diabetes, cognitive decline and dementia, Int. J. Environ. Res. Public Health 12 (7) (2015), 8281-94.

[9] A.M. Stranahan, T.V. Arumugam, R.G. Cutler, K. Lee, J.M. Egan, M.P. Mattson, Diabetes impairs hippocampal function through glucocorticoid-mediated effects on new and mature neurons, Nat. Neurosci. 11 (3) (2008), 309-17.

[10] E.R. Vieira, A. Mendy, C.M. Prado, J. Gasana, A.N. Albatineh, Falls, physical limitations, confusion and memory problems in people with type II diabetes,

undiagnosed diabetes and prediabetes, J. Diabetes Complications 29 (8) (2015), 1159-64.

[11] H. van Praag, G. Kempermann, F.H. Gage, Neural consequences of environmental enrichment, Nat. Rev. Neurosci. 1 (3) (2000) 191-8.

[12] J. Beauquis, P. Roig, A. De Nicola, F. Saravia, Short-term environmental enrichment enhances adult neurogenesis, vascular network and dendritic complexity in the hippocampus of type 1 diabetic mice, Plos One 5 (11) (2010), 1-12.

[13] F.V. Piazza, G.V. Pinto, G. Trott, S. Marcuzzo, R. Gomez, M.C. Fernandes, Enriched environment prevents memory deficits in type 1 diabetic rats, Behav. Brain Res. 217 (1) (2011), 16-20.

[14] M. Komitova, B. Mattson, B. Johansson, P.S. Erikson, Enriched environment increases neural stem/progenitor cell proliferation and neurogenesis in the subventricular zone of stroke-lesioned adult rats, Stroke 36 (6) (2005), 1278-82.

[15] G. Segovia, A.G. Yague, J.M. Garcia-Verdugo, F. Mora, Environmental enrichment promotes neurogenesis and changes the extracellular concentrations of glutamate and GABA in the hippocampus of aged rats, Brain Res. Bull. 70 (1) (2006), 8-14.

[16] M. Nilsson, M. Penki, Enriched environment and astrocytes in central nervous system regeneration, J. Rehabil. Med. 39 (5) (2007), 345-352.

[17] S.S Oja, P. Saransaari, Pharmacology of taurine, Proc. West. Pharmacol. Soc. 50 (2007), 8-15.

[18] A. De Luca, S. Pierno, D.C. Camerino, Taurine: the appeal of a safe amino acid for skeletal muscle disorders, J. Transl. Med. 13 (2015), 243.

[19] S.W. Schaffer, J. Azuma, M. Mozaffari, Role of antioxidant activity of taurine in diabetes, Can. J. Physiol. Pharmacol. 87 (2) (2009), 91-9.

[20] V. Vitvitsky, S.K. Garg, R. Banerjee, Taurine biosynthesis by neurons and astrocytes, J. Biol. Chem. 286 (37) (2011), 32002-10.

[21] H. Ripps, W. Shen, Review: Taurine: A “very essential” amino acid, Molecular Vision 18 (2012), 2673-86.

[22] C.D. Puerta, F.J. Arrieta, J.A. Balsa, J.I. Botella-Carretero, I. Zamarrón, C. Vázquez, Taurine and glucose metabolism: a review, Nutr. Hosp. 25 (6) (2010), 910-19.

[23] K. Zeng, H. Xu, M. Mi, K. Chen, J. Zhu, L. Yi et al., Effects of taurine on glial cells apoptosis and taurine transporter expression in retina under diabetic conditions, Neurochem. Res. 35 (10) (2010), 1566-74.

[24] N. Kumari, H. Prentice, J.Y. Wu, Taurine and its neuroprotective role, Adv. Exp. Med. Biol. 775 (2013), 19–27.

[25] M.C. Shivaraj, G. Marcy, G. Low, J.R. Ryu, X. Zhao, F.J. Roasales et al., Taurine induces proliferation of neural stem cells and synapse development in the developing mouse brain, Plos One 7 (8) (2012), 1-12.

[26] J. Menzie, H. Prentice, J.Y. Wu, Neuroprotective mechanisms of taurine against ischemic stroke, Brain Sci. 3 (2) (2013), 877–907.

[27] G. Paxinos, C. Watson, The rat brain in stereotaxic coordinates, seventh ed., Elsevier Academic Press, New York, 2014, 472p.

[28] G. Caletti, D.B. Olguins, E.F. Pedrollo, H.M. Barros, R. Gomez, Antidepressant effect of taurine in diabetic rats, Amino Acids 43 (4) (2012), 1525-33.

[29] T. Gould, D. Dao, C. Kovacsics. The open field test, in: T.D. Gould (ed), Mood and anxiety related phenotypes in mice: characterization using behavioral tests, Neuromethods, Human Press, 2009, p-1-20.

[30] E. Kovesdi, A.B. Gyorgy, S.K.C. Kwon, L. Daniel, D.L. Wingo, A. Kamnaksh, J.B. Long, C.E. Kasper, D.V. Agoston, The effect of enriched environment on the outcome of traumatic brain injury; a behavioral, proteomics, and histological study, Front Neurosci. 5 (42) (2011), 1-12.

[31] J.I. Malone, S. Hanna, S. Saporta, R.F. Mervis, C.R. Park, L. Chong, D.M. Diamond, Hyperglycemia not hypoglycemia alters neuronal dendrites and impairs spatial memory, Pediatr. Diabetes 9 (6) (2008), 531-9.

[32] H. Y. Kim, H. V. Kim, J. H. Yoon, B. R. Kang, S. M. Cho, S, Lee, J. Y. Kim, J. W. Kim, Y. Cho, J. Woo, Y. Kim, Taurine in drinking water recovers learning and memory in the adult APP/PS1 mouse model of Alzheimer's disease, Sci. Rep. 4 (2014), 7467.

[33] G. Caletti, F.B. G. Almeida, G. Agnes, M.S. Nin, H.M. Barros, R. Gomez, Antidepressant dose of taurine increases mRNA expression of GABAA receptor α2 subunit and BDNF in the hippocampus of diabetic rats, Behav. Brain. Res. 283 (2015), 11-15.

[34] M. Nilsson, E. Perfilieva, U. Johansson, O. Orwar, P.S. Eriksson, Enriched environment increases neurogenesis in the adult rat dentate gyrus and improves spatial memory, J. Neurobiol. 39 (4) (1999), 569-78.

[35] D.G. Diniz, C.A.R. Foro, C.M.D. Rego, D.A. Gloria, F.R.R. de Oliveira, J.M.P. Paes, A.A de Sousa, T.P. Tokuhashi, L.S. Trindade, E.G. Vasconcelos, J.B Torres, C. Cunnigham, V.H. Perry, P.F. Vasconcelos, C.W. Diniz, Environmental impoverishment and aging alter object recognition, spatial learning, and dentate gyrus astrocytes, Neurosci. 32 (3) (2010), 509-19.

[36] F.E Saravia, Y. Revsin, M.C. Gonzalez Deniselle, S.L. Gonzalez, P. Roig, A. Lima et al. Increased astrocyte reactivity in the hippocampus of murine models of type 1 diabetes: the nonobese diabetic (NOD) and streptozotocin-treated mice, Brain Res. 957 (2) (2002), 345-53.

[37] A. Verkhratsky, L. Steardo, V. Parpura, V. Montana, Translational potential of astrocytes in brain disorders, Prog. Neurobiol. (2015), 1-18.

[38] E. Coleman, R. Judd, L. Hoe, J. Denis, P. Posner, Effects of diabetes mellitus on astrocyte GFAP and glutamate transporters in the CNS, Glia 48 (2) (2004), 166-78.

[39] L.L Williamson, A. Chao, S.D. Bilbo, Environmental enrichment alters glial antigen expression and neuroimmune function in the adult rat hippocampus, Brain Behav. Immun. 26 (3) (2012), 500-10.

[40] N. Thiriet, B. Gennequin, V. Lardeux, C. Chauvet, M, Decressac, T. Janet, M. Jaber, M. Solinas, Environmental enrichment does not reduce the rewarding and neurotoxic effects of methamphetamine, Neurotox. Res. 19 (1) (2011), 172–82.

7. Appendices

Figure 1: Diagram demonstrating experimental groups division

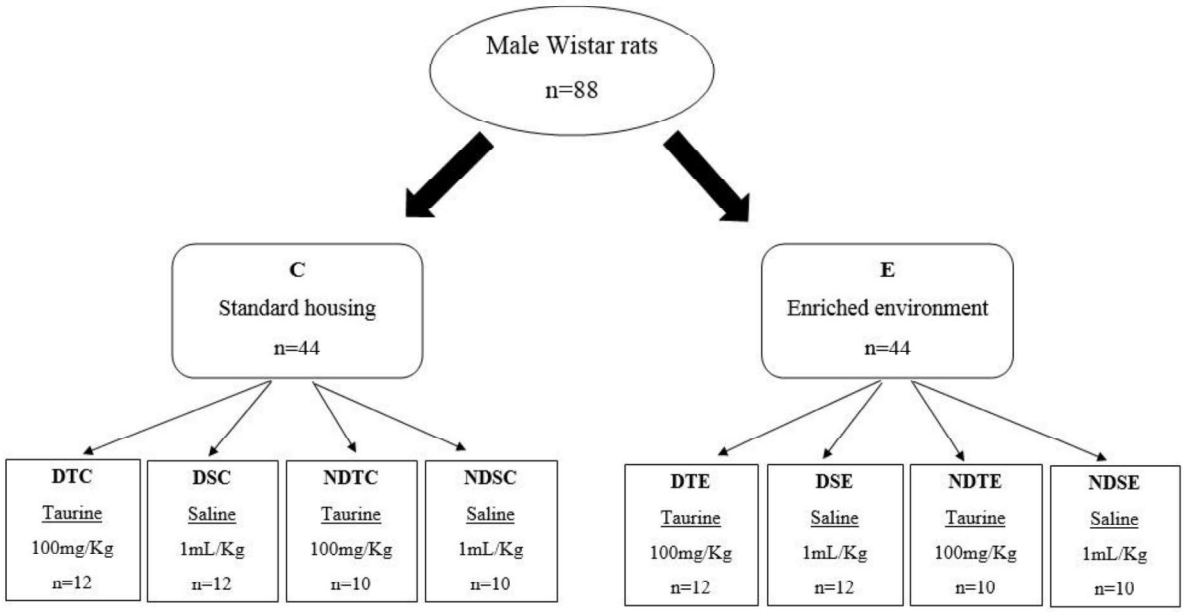


Figure 2: Diagram illustrating experimental design

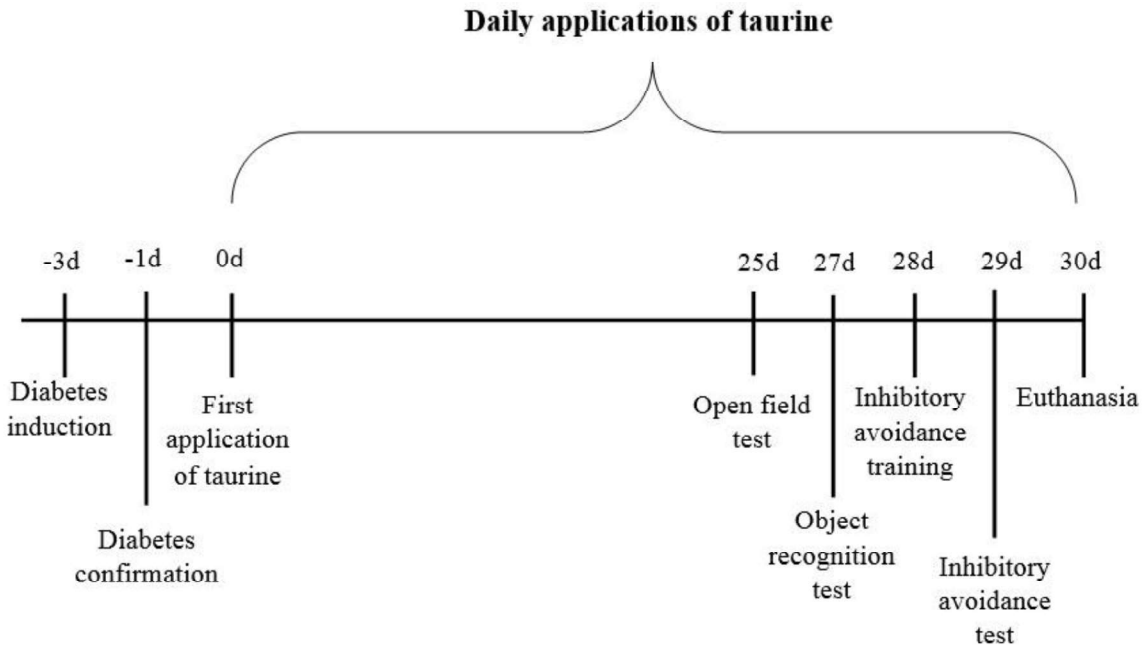


Figure 3: Open field test mean ± standard deviation values for the groups (n=8-10/group):

A: The number of intersections on the periphery of the arena (CROSSINGp): Statistical difference: † $p<0.005$ (DTC vs. DTE, DSC vs. DSE, NDTC vs. NDTE and NDSC vs. NDSE); #p=0.004; *$p<0.001$.

B: Number of times the animal stood on its hind legs (REARING): Statistical difference: † different from the other subgroups with $p<0.02$; *$p<0.001$.

C: Time that the animal spent sniffing (SNIFFING): Statistical difference: † different from NDTC and NDSE, with $p<0.001$; *different from the others of group C, with $p<0.05$; #$p<0.001$;

D: Time spent in the central area of the arena (TIMEc): Statistical difference: †$p<0.001$ (DTC vs. DTE, DSC vs. DSE and NDTC vs. NDTE); *$p<0.001$.

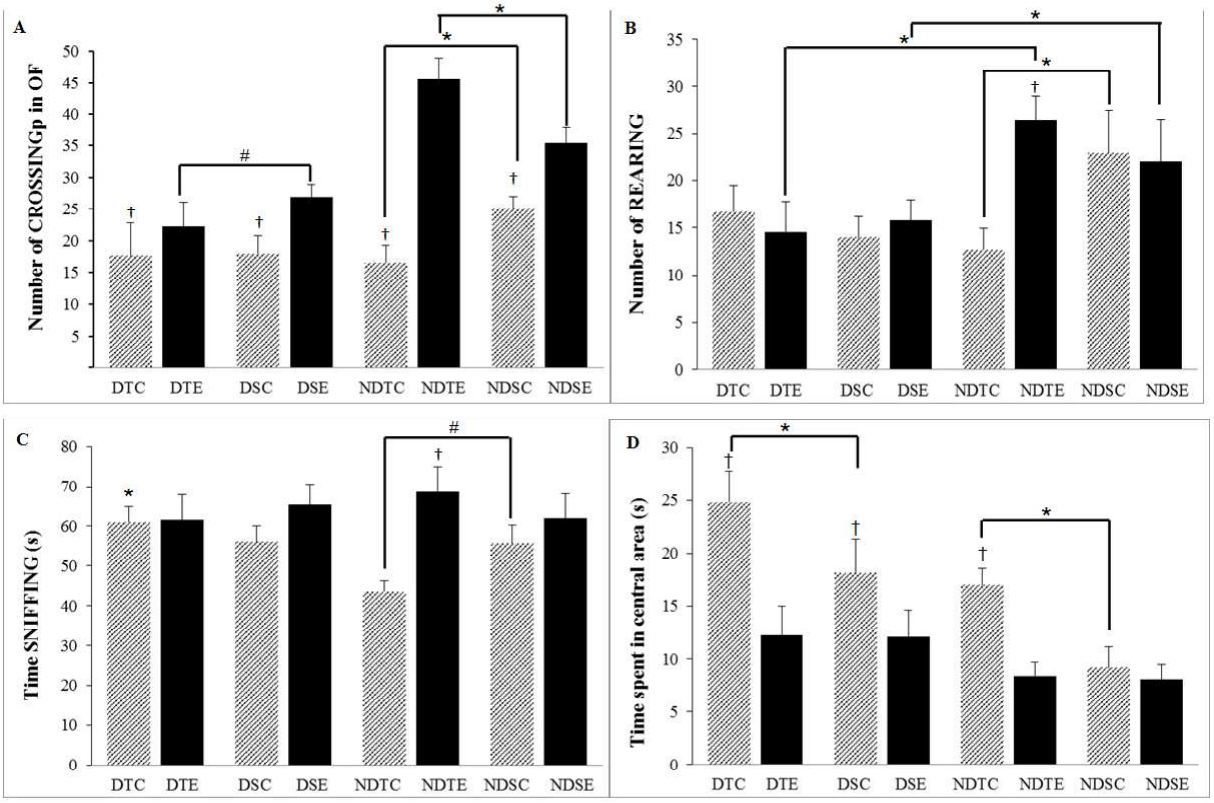


Figure 4: Percentage of preference for the new object in the object recognition test. The values express the mean ± standard deviation for groups (n=8-10/group): statistical difference: *p<0.001; # p=0.005 (DTC vs.DTE, NDTC vs. NDTE and NDSC vs. NDSE).

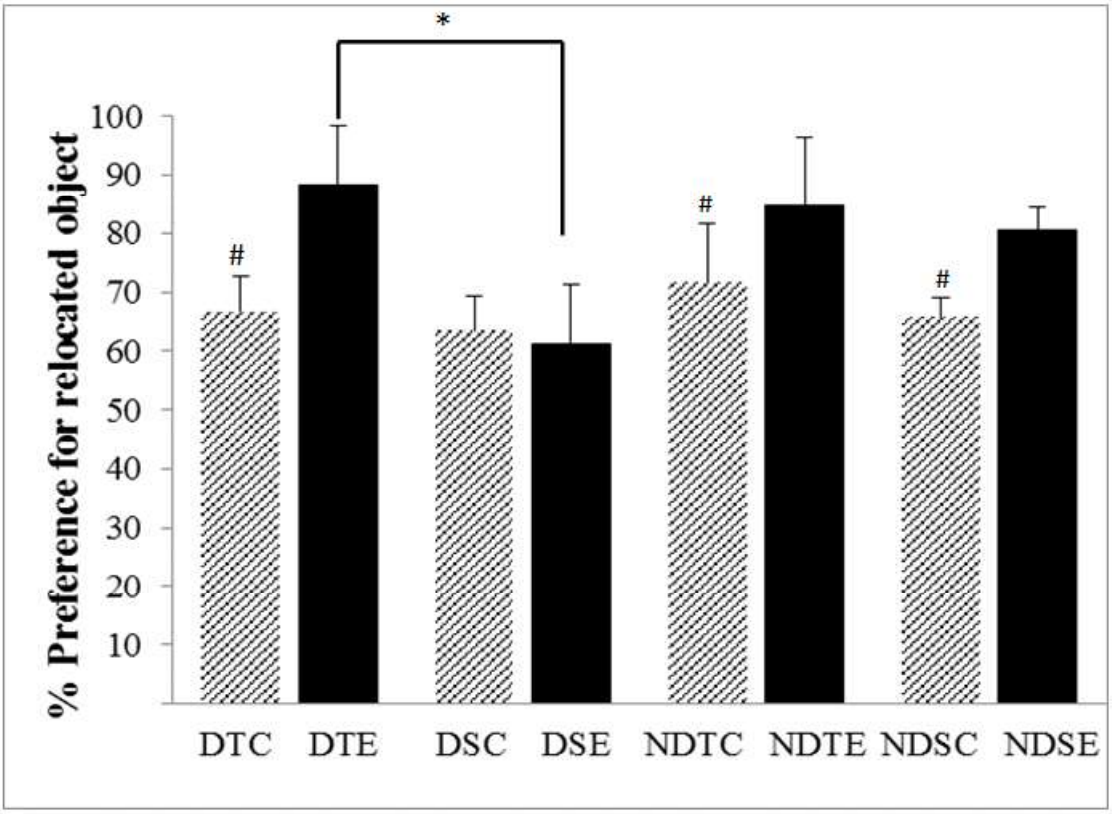


Figure 5: GFAP

A: Optical densitometry of GFAP. Values expressed as means for each group±standard deviation: statistical difference: *p<0.05 relative to other subgroups; #p=0.031;

B: Microphotography dentate gyrus in NDTE group, which showed higher OD values;

C: Photomicrograph of the dentate gyrus in DSC group, which exhibited lower OD values.

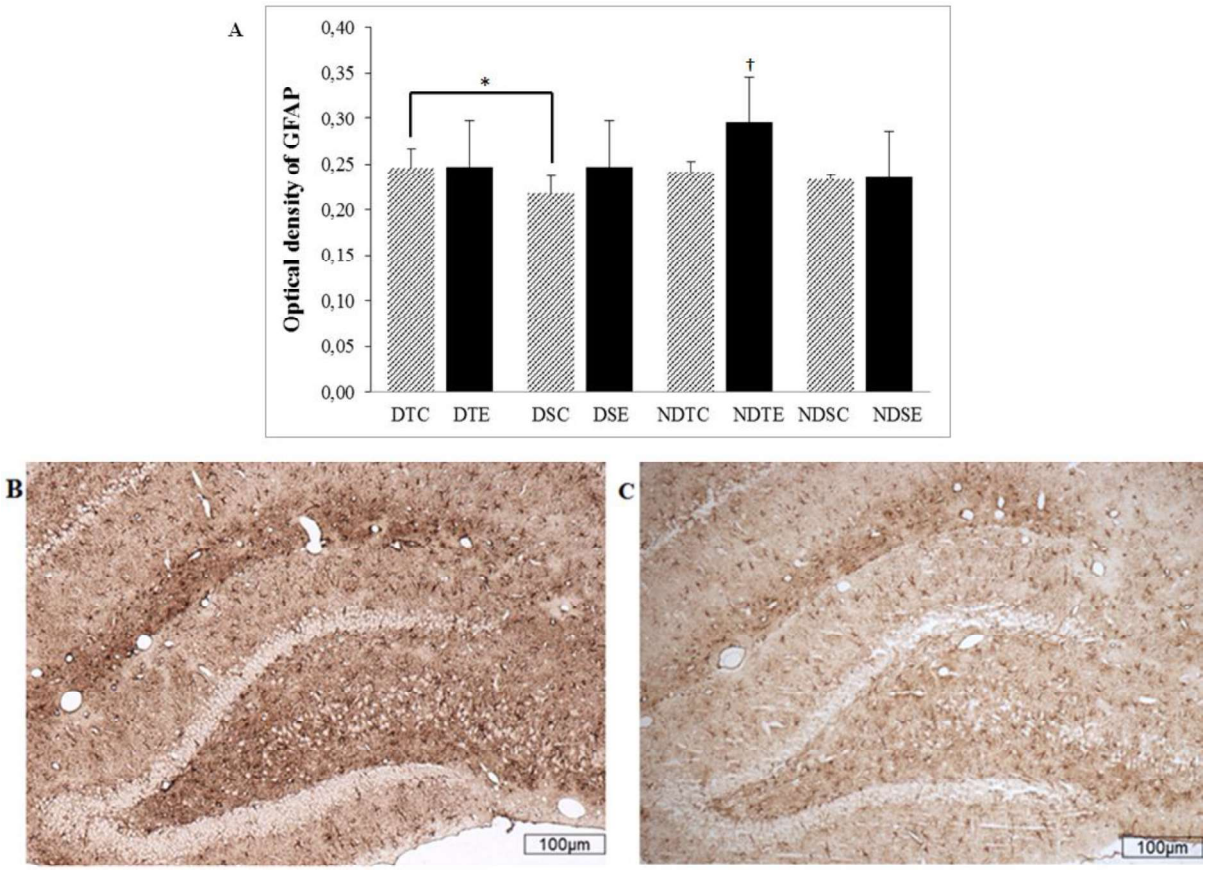
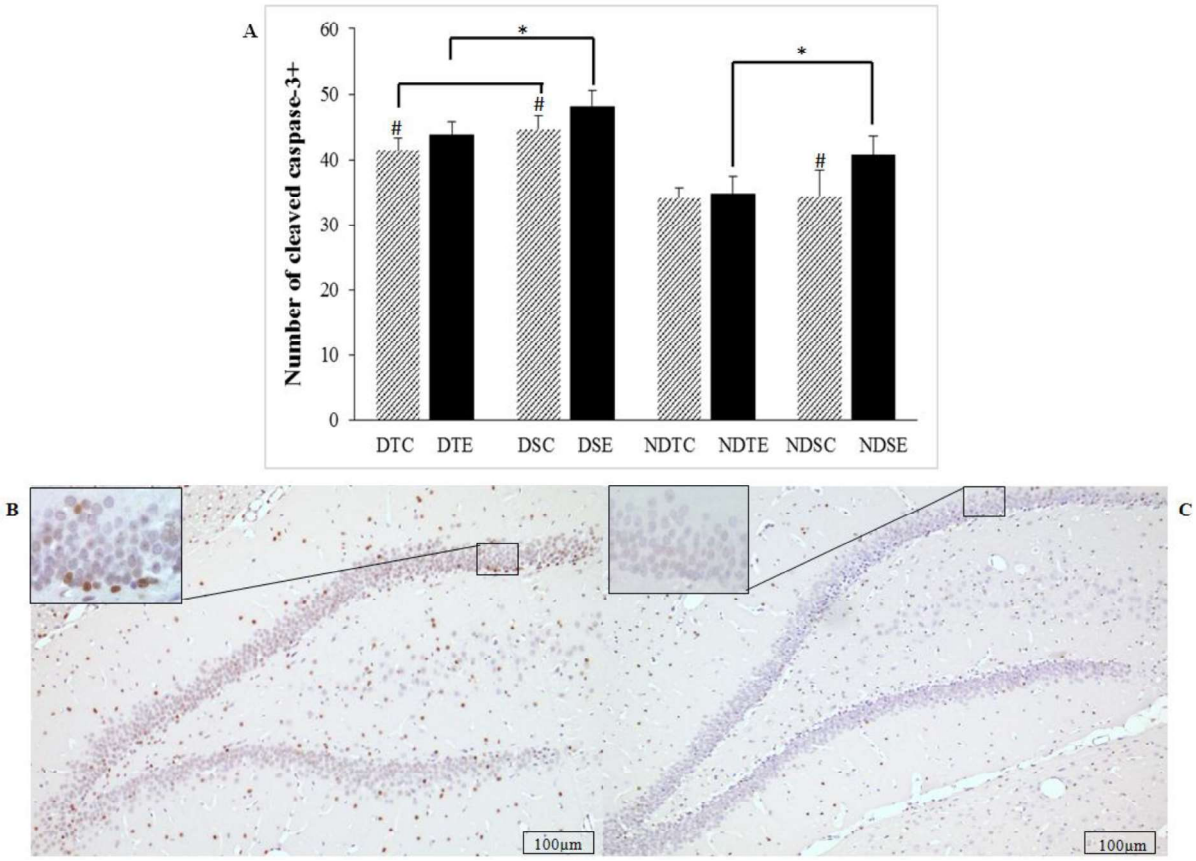


Figure 6: Cleaved caspase-3.

A: Values expressed as means counts of the cells labelled with cleaved caspase-3 ± standard deviation: statistical difference: *p<0.001; #p<0.05 (DTC vs. DTE; DSC vs. DSE and NDSC vs. NDSE).

B: Photomicrograph of DSC, many immunoreactive cells showing caspase-3;

C: Photomicrograph of NDTC, showing few immunoreactive cells.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos resultados mostram que de fato, animais diabéticos apresentam déficits de memória e aprendizado em relação a animais não diabéticos, assim como possuem uma maior taxa apoptótica.

Conseguimos demonstrar que a suplementação com taurina apresenta bons efeitos sobre o organismo de animais diabéticos, melhorando seus déficits de memória, aumentando sua atividade exploratória, e parecendo atuar também na diminuição de processos de degeneração astrocitária e apoptose neuronal.

Observamos que o enriquecimento ambiental influencia muito sobre o comportamento e fisiologia dos animais, tanto nos diabéticos como nos não diabéticos. Parece influenciar aumentando a atividade locomotora e curiosidade dos animais. Também, aparenta atuar melhorando mecanismos de aquisição e evocação de memórias, fazendo com que os animais que foram expostos ao AE se sobressaiam positivamente aos outros que não foram expostos ao mesmo ambiente.

No estudo também notamos que em alguns momentos, a taurina e o AE pareciam ter efeitos sinérgicos que estimularam positivamente comportamento animal. Esta sinergia parece proteger contra a morte celular, e ainda, aumentar a DO de GFAP em astrócitos, possivelmente por promover a plasticidade neural e sináptica em decorrência dos muitos estímulos recebidos do ambiente, especialmente em animais não diabéticos.

Diante destes dados, salientamos a importância da continuidade de estudos envolvendo o DM, taurina e enriquecimento ambiental, para confirmar nossos achados e demonstrar se há ainda, efeitos positivos sobre neurogênese e outros processos.

5 ANEXOS

5.1 Normas para publicação da revista Neuroscience Letters

ELSEVIER

NEUROSCIENCE LETTERS

The rapid communication journal for the neurosciences.

AUTHOR INFORMATION PACK

TABLE OF CONTENTS

ISSN: 0304-3940

DESCRIPTION

Neuroscience Letters is devoted to the rapid publication of short, high-quality papers of interest to the broad community of neuroscientists. Only papers which will make a significant addition to the literature in the field will be published. Papers in all areas of **neuroscience - molecular**, **cellular**, **developmental**, **systems**, **behavioral** and **cognitive**, as well as **computational** - will be considered for publication. Submission of laboratory investigations that shed light on disease mechanisms is encouraged. Clinical studies will also be published if they provide new information about organization or actions of the nervous system, or provide new insights into the neurobiology of disease. NSL does not publish case reports.

Papers that are primarily devoted to psychological or philosophical questions, that use unvalidated methodology, or that fall outside of the realm of neuroscience, will not be published.

Neuroscience Letters is published both on the web (in ScienceDirect - http://www.sciencedirect.com), and as a print journal. Publication in the web version of *Neuroscience Letters* will occur within five weeks of acceptance, and in the hard copy within seven weeks. Particularly important papers may be published more rapidly within a Plenary Article section of the journal.

Benefits to authors
We also provide many author benefits, such as free PDFs, a liberal copyright policy, special discounts on Elsevier publications and much more. Please click here for more information on our author services .

Please see our Guide for Authors for information on article submission. If you require any further information or help, please visit our support pages: http://support.elsevier.com

AUDIENCE

Neuroscientists, neurologists

IMPACT FACTOR

2014: 2.030 © Thomson Reuters Journal Citation Reports 2015

ABSTRACTING AND INDEXING

BIOSIS
Elsevier BIOBASE
Chemical Abstracts
Current Contents/Life Sciences
MEDLINE®
EMBASE
Pascal M
Reference Update
Science Citation Index
Scopus

EDITORIAL BOARD

GUIDE FOR AUTHORS

INTRODUCTION

Neuroscience Letters is devoted to the rapid publication of short, high-quality papers of interest to the broad community of neuroscientists. Only papers which will make a significant addition to the literature in the field will be published. Papers in all areas of neuroscience - molecular, cellular, developmental, systems, behavioral and cognitive, as well as computational - will be considered for publication. Submission of laboratory investigations that shed light on disease mechanisms is encouraged. Clinical studies will also be published if they provide new information about organization or actions of the nervous system, or provide new insights into the neurobiology of disease. NSL does not publish case reports.

Papers that are primarily devoted to psychological or philosophical questions, that use unvalidated methodology, or that fall outside of the realm of neuroscience, will not be published.

The Neuroscience Peer Review Consortium

Neuroscience Letters is a member of the Neuroscience Peer Review Consortium (NPRC). The NPRC has been formed to reduce the time expended and, in particular, the duplication of effort by, and associated burden on reviewers involved in the peer review of original neuroscience research papers. It is an alliance of neuroscience journals that have agreed to accept manuscript reviews from other Consortium journals. By reducing the number of times that a manuscript is reviewed, the Consortium will reduce the load on reviewers and Editors, and speed the publication of research results.

If a manuscript has been rejected by another journal in the Consortium, authors can submit the manuscript to *Neuroscience Letters* and indicate that the referees' reports from the first journal will be made available to the Editors of Neuroscience Letters.

It is the authors' decision as to whether or not to indicate that a set of referee's reports should be forwarded from the first journal to *Neuroscience Letters*. If an author does not wish for this to happen, the manuscript can be submitted to *Neuroscience Letters* without reference to the previous submission. No information will be exchanged between journals except at the request of authors. However, if the original referees' reports suggested that the paper is of high quality, but not suitable for the first journal, then it will often be to an author's advantage to indicate that referees' reports should be made available.

Authors should revise the original submission in accordance with the first journal's set of referee reports, reformat the paper to *Neuroscience Letters*' specification and submit the paper to *Neuroscience Letters* with a covering letter describing the changes that have been made, and informing the Editors that the authors will ask for the referees' reports to be forwarded from the first Consortium journal. The authors then must contact the first journal, and ask that reviews be forwarded, indicating they have submitted to *Neuroscience Letters*, and providing the new manuscript ID number.

The Editors of *Neuroscience Letters* will use forwarded referees' reports at their discretion. The Editors may use the reports directly to make a decision, or they may request further reviews if they feel such are necessary.

Visit http://nprc.incf.org for a list of Consortium journals, as well as further information on the scheme.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in publishing

Please see our information pages on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication.

Policy and ethics

The work described in your article must have been carried out in accordance with *The Code of Ethics of the World Medical Association (Declaration of Helsinki) for experiments involving humans* http://www.wma.net/en/30publications/10policies/b3/index.html; *EC Directive 86/609/EEC*

for animal experiments http://ec.europa.eu/environment/chemicals/lab_animals/legislation_en.htm; *Uniform Requirements for manuscripts submitted to Biomedical journals* http://www.icmje.org. This must be stated at an appropriate point in the article.

For other policy issues, authors are referred to the policy guidelines of the Society for Neuroscience (see their website http://www.jneurosci.org/misc/itoa.shtml).

Declaration of interest

All authors are requested to disclose any actual or potential conflict of interest including any financial, personal or other relationships with other people or organizations within three years of beginning the submitted work that could inappropriately influence, or be perceived to influence, their work. More information.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, see 'Multiple, redundant or concurrent publication' section of our ethics policy for more information), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service CrossCheck.

Contributors

Each author is required to declare his or her individual contribution to the article: all authors must have materially participated in the research and/or article preparation, so roles for all authors should be described. The statement that all authors have approved the final article should be true and included in the disclosure.

Changes to authorship

Authors are expected to consider carefully the list and order of authors **before** submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only **before** the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from the **corresponding author**: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed.

Only in exceptional circumstances will the Editor consider the addition, deletion or rearrangement of authors **after** the manuscript has been accepted. While the Editor considers the request, publication of the manuscript will be suspended. If the manuscript has already been published in an online issue, any requests approved by the Editor will result in a corrigendum.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (see more information on this). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations. If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases.

For open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (more information). Permitted third party reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license.

Author rights

As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. More information.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Funding body agreements and policies

Elsevier has established a number of agreements with funding bodies which allow authors to comply with their funder's open access policies. Some funding bodies will reimburse the author for the Open Access Publication Fee. Details of existing agreements are available online.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open access

- Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse.
- An open access publication fee is payable by authors or on their behalf, e.g. by their research funder or institution.

Subscription

- Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our universal access programs.
- No open access publication fee payable by authors.

Regardless of how you choose to publish your article, the journal will apply the same peer review criteria and acceptance standards.

For open access articles, permitted third party (re)use is defined by the following Creative Commons user licenses:

Creative Commons Attribution (CC BY)

Lets others distribute and copy the article, create extracts, abstracts, and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), include in a collective work (such as an anthology), text or data mine the article, even for commercial purposes, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, and do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation.

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND)

For non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

The open access publication fee for this journal is **USD 2150**, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy: https://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Green open access

Authors can share their research in a variety of different ways and Elsevier has a number of green open access options available. We recommend authors see our green open access page for further information. Authors can also self-archive their manuscripts immediately and enable public access from their institution's repository after an embargo period. This is the version that has been accepted for publication and which typically includes author-incorporated changes suggested during submission, peer review and in editor-author communications. Embargo period: For subscription articles, an appropriate amount of time is needed for journals to deliver value to subscribing customers before an article becomes freely available to the public. This is the embargo period and it begins from the date the article is formally published online in its final and fully citable form.

This journal has an embargo period of 12 months.

Elsevier Publishing Campus
The Elsevier Publishing Campus (www.publishingcampus.com) is an online platform offering free lectures, interactive training and professional advice to support you in publishing your research. The College of Skills training offers modules on how to prepare, write and structure your article and explains how editors will look at your paper when it is submitted for publication. Use these resources, and more, to ensure that your submission will be the best that you can make it.

Language (usage and editing services)
Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop.

Submission

Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

Submit your article
Please submit your article via http://ees.elsevier.com/nsl/
For submission queries, please contact the Editorial Office (NSL@elsevier.com).

Referees
Authors must send the names, addresses and email addresses for 8-10 potential referees that meet the following criteria: potential referees must be experts or active workers in the field, must not be current or prior mentors or collaborators, and must have institutional email addresses (e.g., xx.yy@zz.edu) and not generic email addresses (e.g., xx.yy@163.com or xx.yy@gmail.com). Although the journal does not guarantee these reviewers will be used, the Editors take these suggestions under consideration. These recommendations help the journal speed the editorial process.

Additional information
Length of manuscripts will in no case be more than 6 printed pages (5000 words) of the journal. As an approximate guide to authors for judging the length of their paper, the following estimation may be used: heading + abstract = 0.5-0.6 pages; 3 type-written (double-spaced) pages = 1 printed page; (when using a word-processor) 850 words or 5300 characters = 1 printed page; 3 single-column wide or 2 double-column wide figures plus legends = 1 printed page; 3 single-column wide or 2 double-column wide tables = 1 printed page; 17 references = 0.5 printed page.

PREPARATION

Use of word processing software
It is important that the file be saved in the native format of the word processor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the word processor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article structure

Subdivision
Divide your article into clearly defined sections. Each subsection is given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line. Subsections should be used as much as possible when cross-referencing text: refer to the subsection by heading as opposed to simply " the text" .

Introduction
State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods
Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Results
Results should be clear and concise.

Discussion
This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and Discussion section is in very occasional cases appropriate, although in general, Results and Discussion should be presented as distinct sections of the manuscript. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions
The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Essential title page information

• ***Title.*** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.
• ***Author names and affiliations.*** Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.
• ***Corresponding author.*** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. **Ensure that the e-mail address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.**
• ***Present/permanent address.*** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

A concise and factual abstract is required. The abstract should state briefly the purpose of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, then cite the author(s) and year(s). Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in the abstract itself.

Graphical abstract
Although a graphical abstract is optional, its use is encouraged as it draws more attention to the online article. The graphical abstract should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. You can view Example Graphical Abstracts on our information site.
Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images and in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Highlights
Highlights are mandatory for this journal. They consist of a short collection of bullet points that convey the core findings of the article and should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). You can view example Highlights on our information site.

Keywords

Immediately after the abstract, provide a maximum of 6 keywords, using American spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, 'and', 'of'). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Formatting of funding sources

List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements:

Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa].

It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding.

If no funding has been provided for the research, please include the following sentence:

This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

Units

Follow internationally accepted rules and conventions: use the international system of units (SI). If other units are mentioned, please give their equivalent in SI.

Artwork

Electronic artwork

General points

- Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
- Embed the used fonts if the application provides that option.
- Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.
- Number the illustrations according to their sequence in the text.
- Use a logical naming convention for your artwork files.
- Provide captions to illustrations separately.
- Size the illustrations close to the desired dimensions of the published version.
- Submit each illustration as a separate file.

A detailed guide on electronic artwork is available.

You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.

Formats

If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format.

Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):

EPS (or PDF): Vector drawings, embed all used fonts.

TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi.

TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi.

TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi.

Please do not:

• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;
• Supply files that are too low in resolution;
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork
Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. **For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article**. Please indicate your preference for color: in print or online only. Further information on the preparation of electronic artwork.

Figure captions
Ensure that each illustration has a caption. Supply captions separately, not attached to the figure. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Please submit tables as editable text and not as images. Tables can be placed either next to the relevant text in the article, or on separate page(s) at the end. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text and place any table notes below the table body. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in them do not duplicate results described elsewhere in the article. Please avoid using vertical rules.

References

Citation in text
Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Web references
As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

References in a special issue
Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference management software
Most Elsevier journals have their reference template available in many of the most popular reference management software products. These include all products that support Citation Style Language styles, such as Mendeley and Zotero, as well as EndNote. Using the word processor plug-ins from these products, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article, after which citations and bibliographies will be automatically formatted in the journal's style. If no template is yet available for this journal, please follow the format of the sample references and citations as shown in this Guide.

Users of Mendeley Desktop can easily install the reference style for this journal by clicking the following link:
http://open.mendeley.com/use-citation-style/neuroscience-letters
When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plug-ins for Microsoft Word or LibreOffice.

Reference style
Text: Indicate references by number(s) in square brackets in line with the text. The actual authors can be referred to, but the reference number(s) must always be given.

Example: '..... as demonstrated [3,6]. Barnaby and Jones [8] obtained a different result ....'
List: Number the references (numbers in square brackets) in the list in the order in which they appear in the text.
Examples:
Reference to a journal publication:
[1] J. van der Geer, J.A.J. Hanraads, R.A. Lupton, The art of writing a scientific article, J. Sci. Commun. 163 (2010) 51–59.
Reference to a book:
[2] W. Strunk Jr., E.B. White, The Elements of Style, fourth ed., Longman, New York, 2000.
Reference to a chapter in an edited book:
[3] G.R. Mettam, L.B. Adams, How to prepare an electronic version of your article, in: B.S. Jones, R.Z. Smith (Eds.), Introduction to the Electronic Age, E-Publishing Inc., New York, 2009, pp. 281–304.
Reference to a website:
[4] Cancer Research UK, Cancer statistics reports for the UK. http://www.cancerresearchuk.org/aboutcancer/statistics/cancerstatsreport/, 2003 (accessed 13.03.03).

Journal abbreviations source
Journal names should be abbreviated according to the List of Title Word Abbreviations.

Video data
Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the files in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

Supplementary material
Supplementary material can support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Please note that such items are published online exactly as they are submitted; there is no typesetting involved (supplementary data supplied as an Excel file or as a PowerPoint slide will appear as such online). Please submit the material together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. If you wish to make any changes to supplementary data during any stage of the process, then please make sure to provide an updated file, and do not annotate any corrections on a previous version. Please also make sure to switch off the 'Track Changes' option in any Microsoft Office files as these will appear in the published supplementary file(s). For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages.

Data in Brief
Authors have the option of converting any or all parts of their supplementary or additional raw data into one or multiple Data in Brief articles, a new kind of article that houses and describes their data. Data in Brief articles ensure that your data, which is normally buried in supplementary material, is actively reviewed, curated, formatted, indexed, given a DOI and publicly available to all upon publication. Authors are encouraged to submit their Data in Brief article as an additional item directly alongside the revised version of their manuscript. If your research article is accepted, your Data in Brief article will automatically be transferred over to *Data in Brief* where it will be editorially reviewed and published in the new, open access journal, *Data in Brief*. Please note an open access fee is payable for publication in *Data in Brief*. Full details can be found on the Data in Brief website. Please use this template to write your Data in Brief.

Database linking
Elsevier encourages authors to connect articles with external databases, giving readers access to relevant databases that help to build a better understanding of the described research. Please refer to relevant database identifiers using the following format in your article: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN). More information and a full list of supported databases.

AudioSlides
The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Interactive plots
This journal enables you to show an Interactive Plot with your article by simply submitting a data file. Full instructions.

Submission checklist
The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details:
- E-mail address
- Full postal address

All necessary files have been uploaded, and contain:
- Keywords
- All figure captions
- All tables (including title, description, footnotes)

Further considerations
- Manuscript has been 'spell-checked' and 'grammar-checked'
- References are in the correct format for this journal
- All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa
- Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet)

Printed version of figures (if applicable) in color or black-and-white
- Indicate clearly whether or not color or black-and-white in print is required.

For any further information please visit our Support Center.

AFTER ACCEPTANCE

Online proof correction
Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our online proofing system, allowing annotation and correction of proofs online. The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor. Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors.

If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to authors, including alternative methods to the online version and PDF.

We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

Offprints
The corresponding author will, at no cost, receive a customized Share Link providing 50 days free access to the final published version of the article on ScienceDirect. The Share Link can be used for sharing the article via any communication channel, including email and social media. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's Webshop. Corresponding authors who have published their article open access do not receive a Share Link as their final published version of the article is available open access on ScienceDirect and can be shared through the article DOI link.

AUTHOR INQUIRIES

Track your submitted article
Track your accepted article
You are also welcome to contact the Elsevier Contact Center.

5.2 Parecer de aprovação pelo CEUA

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UFCSPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

CEUA –COMISSÃO DE ÉTICA NO USO DE ANIMAIS

PARECER CONSUBSTANCIADO DE PROJETO DE PESQUISA E ENSINO

1) PROTOCOLO Nº: 134/13 **Parecer 253/14**

2) DATA DO PARECER: 12/03/14

3) TÍTULO DO PROJETO:

Efeito da taurina no hipocampo de ratos diabéticos.

4) PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Marilda Fernandes

5) RESUMO DO PROJETO:

Estudar em um modelo de diabetes experimental o efeito da administração de taurina sobre a memória de curta e longa duração através de testes comportamentais e a proliferação celular, morte celular e a densidade de células gliais no hipocampo de ratos diabéticos e controles submetidos a ambiente enriquecido ou não.

6) OBJETIVOS DO PROJETO:

- Avaliar a influência da taurina na proliferação celular no giro denteado de animais diabéticos e não diabéticos.
- Verificar se há variação no número de células gliais marcadas com GFAP no giro denteado de animais diabéticos e não diabéticos.
- Verificar se há variação nas células apoptóticas de animais diabéticos e não diabéticos.
- Avaliar o número de neurônios imaturos no giro denteado do hipocampo nos grupos experimentais.
- Verificar se há variação no número de células marcadas com BrdU no GD entre os animais expostos ao ambiente enriquecido e/ou ao diabetes.
- Avaliar o impacto do uso da taurina sobre a memória espacial, de trabalho, de curta e de longa duração) nos diferentes grupos experimentais).
- Verificar nos testes comportamentais se a taurina junto com o ambiente enriquecido potencializou os resultados comportamentais.

7) FINALIDADE DO PROJETO: ☐ Ensino ☒ Pesquisa

8) ITENS METODOLÓGICOS E ÉTICOS DO PROJETO:

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UFCSPA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

Título	[X] Adequado	[ ] Comentários
Introdução	[X] Adequada	[ ] Comentários
Objetivos	[X] Adequados	[ ] Comentários
Relevância e Justificativa	[X] Adequados	[ ] Comentários
Materiais e Métodos	[X] Adequados	[ ] Comentários
Cronograma para execução da pesquisa	[X] Adequado	[ ] Comentários
Orçamento e fonte financiadora	[X] Adequados	[ ] Comentários
Referências Bibliográficas	[X] Adequadas	[ ] Comentários

9) O PROJETO ESTÁ ADEQUADO À LEGISLAÇÃO VIGENTE: [X] Sim [ ] Não

10) INFORMAÇÕES RELATIVAS AOS ANIMAIS:

Grau de dor/estresse: B [ ] C [X] D [X] E [ ]

Justifique:

Espécie: Ratos Wistar **Número Amostral:** 88

Redução Amostral: [ ] Sim [X] Não

Justifique:

Substituição de Metodologia: [ ] Sim [X] Não

Se achar necessário, justifique e sugira uma nova metodologia:

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UFCSPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

Aprimoramento da Metodologia: [ ] Sim [x] Não
Se achar necessário, justifique e sugira aprimoramentos da metodologia:

Acomodação e manutenção dos animais: [x] Adequada [ ] Inadequada
Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias:

Manipulação dos animais: [x] Adequada [ ] Inadequada
Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias:

Analgesia dos animais (se aplicável): [x] Adequada [ ] Inadequada
Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias com analgésico substituto:

Anestesia dos animais (se aplicável): [x] Adequada [ ] Inadequada
Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias com anestésico substituto:

Eutanásia dos animais (se aplicável): [x] Adequada [ ] Inadequada
Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias com metodologia substituta:

Local de Realização (Biotério/Laboratório):

Outra instituição. Qual?

11) CRONOGRAMA DE UTILIZAÇÃO DE ANIMAIS

Data	Espécie	Sexo	Quantidade

12) RECOMENDAÇÃO:

[x] Aprovado

[ ] Com Pendência

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UFCSPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

☐ Não aprovado

Término do projeto 01/12/2017

Comentários gerais sobre o projeto: